



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO - UFERSA
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

SEBASTIÃO GENILSON VIANA DE OLIVEIRA

PERSPECTIVAS SURDAS SOBRE A MÚSICA:
UMA ANÁLISE CULTURAL DOS ARTEFATOS SURDOS

CARAÚBAS-RN
2021

SEBASTIÃO GENILSON VIANA DE OLIVEIRA

**PERSPECTIVAS SURDAS SOBRE A MÚSICA:
UMA ANÁLISE CULTURAL DOS ARTEFATOS SURDOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de graduação no curso de licenciatura plena em Letras Libras.

Orientador: Prof. Me. Francisco Ebson Gomes-Sousa.

CARAÚBAS-RN

2021

©Todos os direitos estão reservados à Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996, e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tornar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata, exceto as pesquisas que estejam vinculadas ao processo de patenteamento. Esta investigação será base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) seja devidamente citado e mencionado os seus créditos bibliográficos.

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas
da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O48p OLIVEIRA, SEBASTIÃO GENILSON VIANA DE.
PERSPECTIVAS SURDAS SOBRE A MÚSICA: UMA
ANÁLISE CULTURAL DOS ARTEFATOS SURDOS /
SEBASTIÃO GENILSON VIANA DE OLIVEIRA. - 2021.
71 f. : il.

Orientador: FRANCISCO EBSON GOMES-SOUSA.
Monografia (graduação) - Universidade Federal Rural do
Semi-árido, Curso de Letras/Libras, 2021.

1. Sujeito surdo. 2. Música. 3. Musicalidade surda. I.
GOMES-SOUSA, FRANCISCO EBSON, orient. II. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

SEBASTIÃO GENILSON VIANA DE OLIVEIRA

**PERSPECTIVAS SURDAS SOBRE A MÚSICA: UMA ANÁLISE CULTURAL DOS
ARTEFATOS SURDOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
como requisito para obtenção do título de
graduação no curso de licenciatura plena em
Letras Libras.

Orientador: Prof. Me. Francisco Ebson Gomes-
Sousa.

Defendida em: 26 de Maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Francisco Ebson Gomes Sousa (UFERSA)
Presidente

Profa. Ma. Isabelle Pinheiro Fagundes (UFERSA)
Membro Examinador

Profa. Esp. Maria Márcia Fernandes de Azevedo (UFERSA)
Membro Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para toda a minha família, em especial a meus pais Gentil Viana e Antônia Jeronimo, para meu filho Matheus Benício e para minha esposa Gescileuda Maria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado coragem, sabedoria e fé para que tenha alcançado meu objetivo de concluir essa pesquisa, que nos momentos de desânimo e dificuldades, ao clamar por ajuda, em minha mente surgia uma nova ideia, algo que me estimulava a seguir em frente com firmeza e empenho.

Agradeço a todos os meus familiares, em especial a meu pai Gentil Viana e a minha mãe Atonia Jerônimo, por sempre terem dado a oportunidade e privilégio aos seus filhos de estudar, buscar conhecimento, pois eles tinham o entendimento de que ter o estudo é ter a esperança de um futuro promissor.

Agradeço a minha esposa Gescileuda por toda a força que me deu para que eu voltasse a estudar, se não fosse por incentivo dela eu não teria me matriculado no Letras libras e provavelmente eu não estaria concluindo a graduação.

Agradeço ao meu orientador Ebson Gomes, por todo zelo, carinho e competência em cada orientação que tivemos, onde compartilhamos angústias, sorrisos, carões e sorrisos. Essa conquista é nossa.

Sou muito grato à ASCAR por ter me ajudado muito, ao me oportunizar a chance de poder fazer parte dessa instituição, onde eu pude conviver e aprender as especificidades da cultura surda que eu tomei para mim essas vivências, na qual eu hoje faço parte da comunidade surda de Caraúbas que eu tenho o maior apreço.

Agradeço à banca examinadora que aceitou contribuir com o nosso trabalho, colaborando com bons olhos, competência e seriedade para uma melhor qualidade possível. Por fim, agradeço aos meus colegas de cursos e amigos da vida pelo carinho e companheirismo de sempre, vocês vão estar entre uma das minhas melhores lembranças.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Resumo em Libras	08
Figura 2 – TCLE e questionário bilíngue	25
Figura 3 – Questionário bilíngue com imagem.....	30
Figura 4 – Musica em Libras escolhida para a pesquisa.....	38

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –Contato dos Surdos participantes com outros Surdos	26
Gráfico 2 – Participação dos Surdos em eventos da comunidade ouvinte que tenha música	27
Gráfico 3 –Escala do gostar de música dos participantes da pesquisa	29
Gráfico 4 –Estilos musicais que os participantes têm mais contato	31
Gráfico 5 – Estilos musicais que os participantes mais gostam.....	31
Gráfico 6 –Emoções ao assistirem músicas interpretada em Libras	32
Gráfico 7 –Gostar ou não da música apresentada	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Participantes da pesquisa	24
Tabela 2 – O que os participantes Surdos entendem por música.....	27
Tabela 3 – Saber se música combina com Surdo	33
Tabela 4 – O que os participantes Surdos entendem por artefatos culturais Surdos	36
Tabela 5 –Saber se os participantes gostaram da música	39
Tabela 6 – Saber se os participantes entenderam o sentido da música	40
Tabela 7 – Saber se os participantes sentiram emoção	40
Tabela 8 – Saber quais elementos usados na interpretação eles mais gostaram	41
Tabela 9 –Saber dos participantes se já tiveram contato com a música apresentada, e se sim, a música junto a interpretação lhes causa uma maior emoção	43
Tabela 10 –Saber se a música no geral, se a vibração é mais atrativa/emocionante do que a sinalização.....	44

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar a perspectiva dos surdos de Caraúbas-RN sobre a música, percebendo se ela é considerada um artefato cultural e como os mesmos a compreendem. Para que possamos ter esse discernimento, foram aplicados um questionário e uma entrevista semiestruturada bilíngue para seis participantes surdos, em que os mesmos foram escolhidos dentre os vários integrantes da ASCAR - Associação de Surdos de Caraúbas, sendo os participantes, três do sexo feminino e três do sexo masculino. Temos como embasamento teórico Santos (1987), Strobel (2015), Hagiara-Cervellini (2003). Rosa (2013), Pereira (2015). O processo de coleta de dados foi através da plataforma virtual *google meet* de forma individual com cada participante. Nas respostas analisadas percebemos que a música está presente na comunidade surda de Caraúbas-RN, onde na ocasião os mesmos sempre vão a eventos que tem música, “escutam” música em seu dia a dia, dançam. Mostra-se que esses sujeitos expressam sua musicalidade, gostam e entendem de música de maneira distintas da comunidade ouvinte, porém, a música está bastante presente na comunidade surda analisada.

Palavras-chave: sujeito surdo; música; musicalidade surda.

ABSTRACT

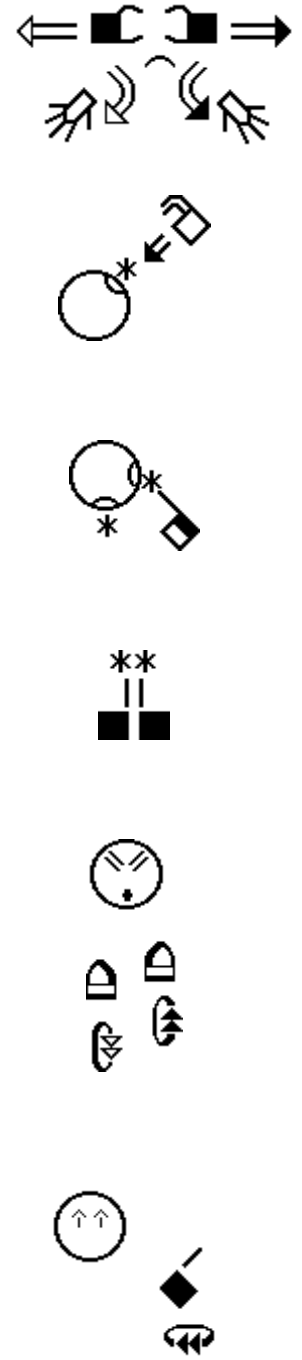
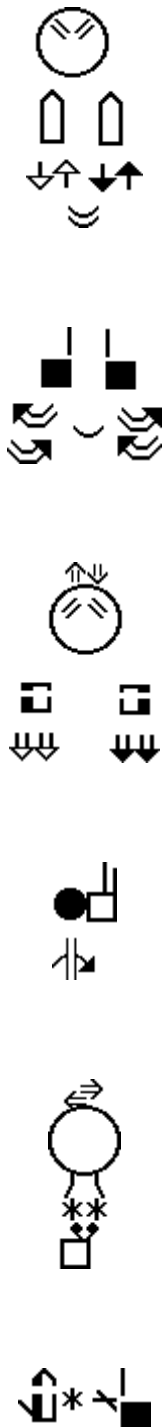
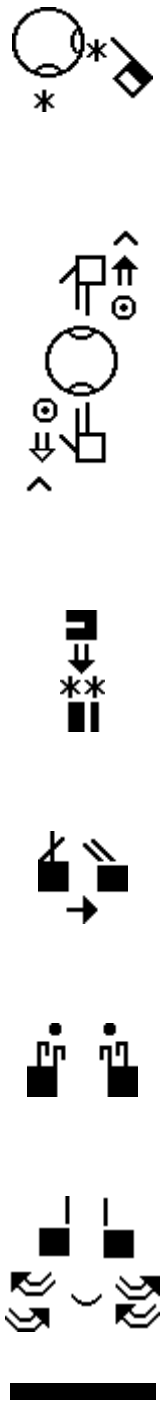
The present study aimed to analyze the perspective of deaf people from Caraúbas-RN on music, realizing if it is considered a cultural artifact and how they understand it. For us to have this insight a questionnaire, and a bilingual semi-structured interview was applied to six deaf people participants, who were chosen from among members of *ASCAR - Associação de Surdos de Caraúbas* the participants being three female and three male. We have as theoretical basis Santos (1987), Strobel (2015), Hagiara-Cervellini (2003). Rosa (2013), Pereira (2015). The data collection process was through the virtual platform Google Meet with each participant. In the analyzed responses, we realized that music is present in the deaf community of Caraúbas-RN, where they always go to events that have music, “listen” to music in their daily lives, and even dance. It is shown that such deaf people express their musicality, like, and understand music differently from the hearing community, so music is present in the analyzed deaf community.

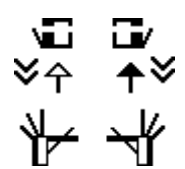
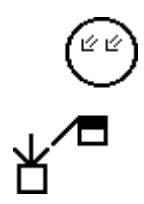
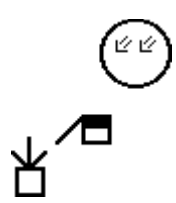
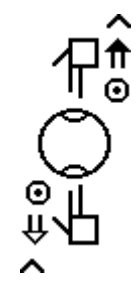
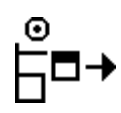
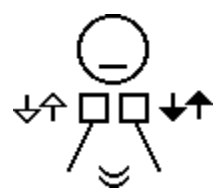
Keywords: Deaf subject; Music; Deaf musicality.

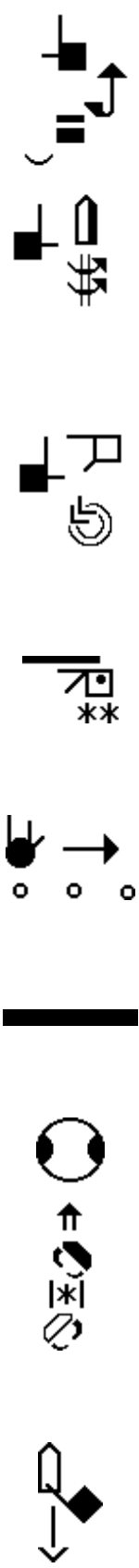
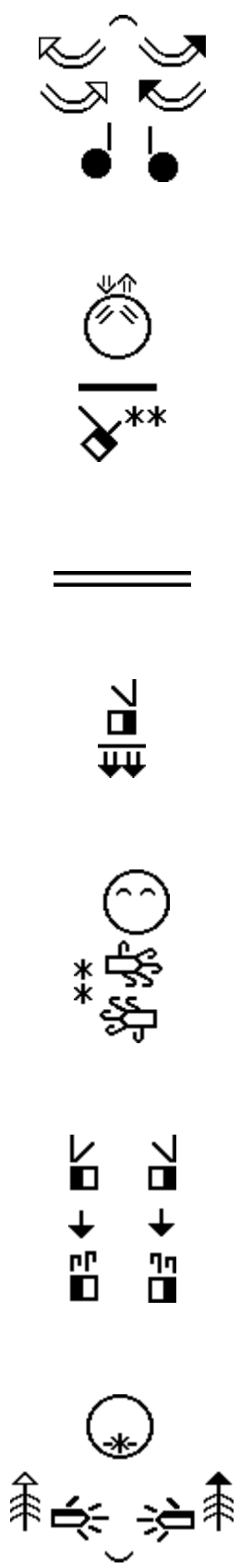
RESUMO EM LIBRAS

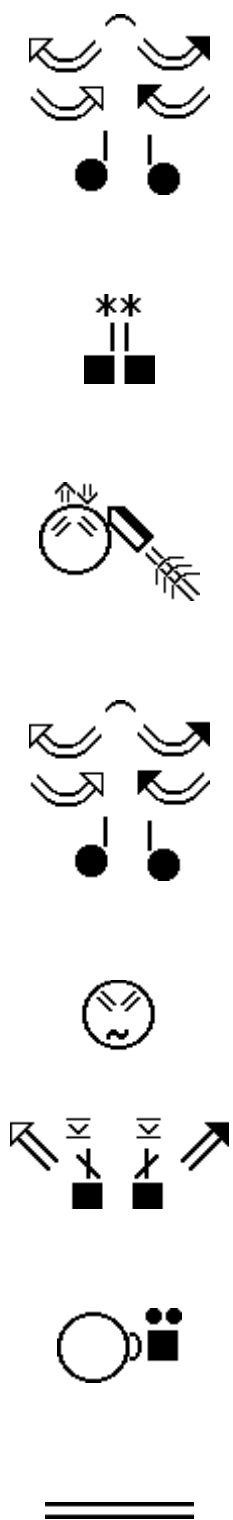
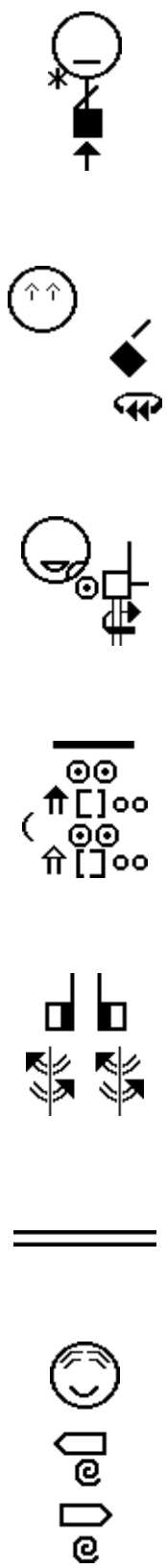
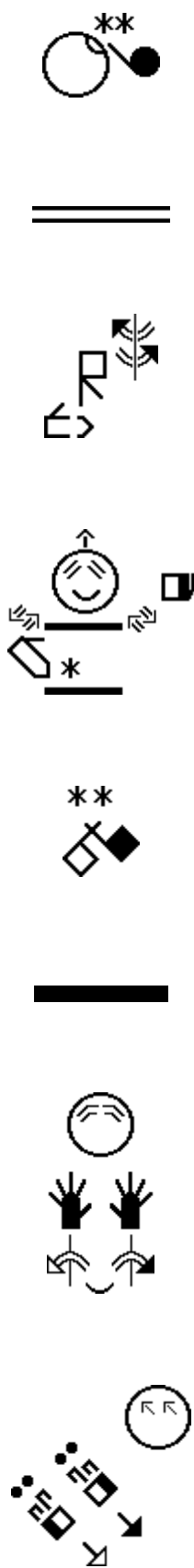


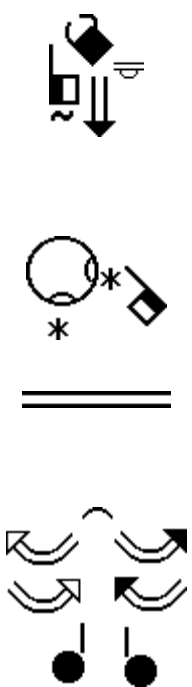
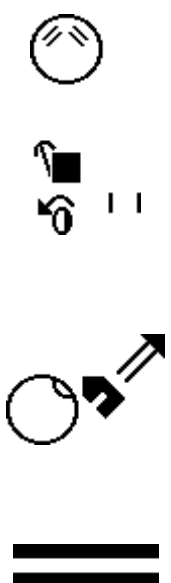
Figura 1 – QR code resumo em libras.











SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	20
2 REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1 Línguas de sinais e Línguas orais.....	22
2.2 Culturas: cultura surda e cultura ouvinte.....	25
2.3 A musicalidade do sujeito Surdo.....	30
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	32
3.1 Sujeitos da pesquisa e critérios de escolha.....	32
3.2 Coleta de dados e procedimentos metodológicos.....	33
4 EXPERIÊNCIAS MUSICAIS DE SURDOS DE CARAÚBAS/RN	34
4.1 Ideias iniciais sobre a música e os artefatos culturais dos Surdos pelos Surdos	36
4.2 Análise da percepção musical pelos Surdos: entre o som, a vibração e o sinal	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICES	60

1 INTRODUÇÃO

As pessoas ouvintes ditas como “normais” tem em sua rotina diária o contato com a música, seja ela na forma mais comum que em ritmos musicais ou por vias naturais, como o vento, os cantos dos pássaros ou mesmo as batidas do coração (PEREIRA, 2014).

Essas sensações musicais sentidas pelas pessoas ditas “normais”, os sujeitos Surdos¹ as sentem, só que de uma maneira diferente, pois estes veem o mundo pelas experiências visuais, bem como, a sua cultura é distinta das pessoas ouvintes. Esta pesquisa foi pensada e elaborada para saber como a comunidade surda da cidade de Caraúbas, no Rio Grande do Norte, entende sobre a música, bem como, eles sentem e entendem a sua musicalidade ou não.

Para sabermos disso, fomos junto à comunidade surda, para saber na prática, expondo músicas interpretadas em Libras, músicas essas escolhidas através de critérios no canal *youtube*. Para entendermos melhor sobre a musicalidade desses sujeitos, elaboramos um questionário, bem como, uma entrevista semiestruturada para que os Surdos se sentissem mais à vontade para expressar o seu pensar sobre a música.

Com essa pesquisa **objetivamos analisar a perspectiva da comunidade Surda de Caraúbas - RN sobre a música, percebendo assim, como se faz parte da comunidade surda da referida cidade ou não, averiguar como os Surdos compreendem a música através de uma interpretação intercultural e saber como eles veem a música e o que eles entendem sobre esta produção cultural.**

Estudiosos da área explicitam que a musicalidade para os Surdos existe, o que falta é expor a música de forma adequada para estes sujeitos (HAGUIARA-CERVellini, 2003). Sendo assim, não podemos estereotipar a comunidade surda, falar que a mesma não gosta de música, tomando a experiência de poucas pessoas, estes podem não ter tido uma boa experiência com a música ou mesmo terem sido apresentados de maneiras diferentes e em concepções distintas de cultura ou acesso a elas. Existem muitas pessoas ouvintes que não gostam de música, nem por isso radicalizamos, muito menos falamos que os ouvintes não gostam de música.

Para a autora (idem, 2003), se a música for apresentada de forma adequada para o sujeito Surdo, este terá a sua musicalidade despertada e o gosto pela música será tão intenso e ou mesmo igual aos ouvintes. Explica também que os Surdos sentem a música através das

¹ Estamos utilizando na pesquisa a terminologia “Surdos” com “S” maiúsculo para denotarmos reconhecimento e respeito a com a comunidade Surda.

vibrações sonoras que a músicas proporcionam, que são essas vibrações que o corpo sente que trazem prazeres ao sujeito Surdo.

Acreditamos que a forma como a música é apresentada aos Surdos em diversos locais, demonstram pouco interesse por parte de quem as apresenta, sendo possível inferirmos que tratasse de um aspecto cultural que vai para além da acessibilidade como se pode pensar. A falta de conhecimento da cultura Surda faz com que em eventos que tenham Surdos participando, a música é apresentada apenas como um ato de incluir o sujeito Surdo. Em outras ocasiões, os tradutores/intérpretes de Libras não tem acesso às músicas, que irão ser apresentadas com antecedência para que eles possam repassar da melhor forma ao sujeito Surdo, e mesmo sem esse estudo prévio, a música é apresentada ao sujeito.

Em eventos que tem músicas para a comunidade ouvinte, tem-se a preocupação de como a música vai ser tocada, os que iram cantar ou tocar algo, tem um estudo para melhor repassar a música para a comunidade ali presente. São esses olhares especiais e atenção com a comunidade surda que eles precisam, o incentivo à música para que essa comunidade venha a despertar e quem sabe gostar da música (HAGUIARA-CERVellini, 2003).

Acreditamos que o estudo realizado possibilitará que a sociedade reflita melhor sobre a comunidade Surda da cidade de Caraúbas - RN, pois será da própria comunidade surda os relatos sobre a música, relatos esses que irão nos mostrar como eles veem a música, podendo assim abrir caminhos para que ouvintes possam buscar melhores formas de interpretar música para os Surdos ou possamos compreender os artefatos culturais da comunidade surda para além do que já temos hoje.

O autor Med (1996), cita que a música é o a representação do belo, ela tranquiliza a alma e traz paz mental para as pessoas que a fazem uso. Sendo a música tão importante na vida das pessoas, que mesmo sem saber está em contato com a mesma através de diversas formas (PEREIRA, 2014), não podemos excluir esse direito das pessoas Surdas a ter acesso e contato com esse gênero.

Ao saber da importância da música para o desenvolvimento das pessoas, decidimos investigar junto à comunidade surda, como ela entende a música e o que eles sentem, para melhor entendermos sobre essa manifestação cultural e demonstrar para a sociedade, e que a mesma, os veja melhor. Tendo em vista que esses sujeitos que por sua minoridade linguística, quase estão invisíveis em meio a uma sociedade majoritariamente ouvinte.

Apesar da grande maioria da sociedade não ter contato ou não conhecer a comunidade surda e sua cultura, o sujeito Surdo está presente na sociedade, tem sua língua reconhecida como meio legal de se expressar (BRASIL, 2002), está na sociedade junto aos demais, com suas

manifestações culturais, assim como outros cidadãos. Não podemos ofertar algo que o ouvinte acha que é melhor, ou apenas nunca concepção ouvintista, mais sim, o que eles têm por direito. Se a música está no gosto da comunidade surda ou não, isso que pretendemos nesta pesquisa estudar, saber da musicalidade para a comunidade surda.

Os próximos capítulos serão expostos o nosso referencial teórico que abordaremos no primeiro tópico sobre a cultura Surda e ouvinte, no segundo abordaremos sobre as línguas de sinais e línguas orais e no terceiro, frisaremos a música para as pessoas surdas, nos seus “sentir” e “ouvir”. Esperamos que este trabalho contribua para a sociedade e surta efeitos positivos nas reflexões sobre a cultura e a identidade dos Surdos com e pelos Surdos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, propomo-nos a discutir sobre as nossas reflexões acerca das línguas, das culturas e a relação da música para com as pessoas surdas, que nos ajudarão a compreender melhor sobre determinadas práticas, em que nos propomos a analisar: 1 – As línguas de sinais e as línguas orais; 2 - Culturas: cultura surda e cultura ouvinte; e 3 – A musicalidade do sujeito Surdo.

2.1 Línguas de sinais e Línguas orais

A língua de sinais brasileira vem sendo reconhecida e aceita na sociedade cada vez mais; para algumas pessoas, compreendem a necessidades de aprender essa língua para poder melhor incluir o sujeito Surdo na sociedade, minimizando a barreira comunicacional, para outras, a língua de sinais é taxada de bela, língua que encanta, por isso quer aprender.

A língua de sinais está ganhando visibilidade em várias regiões e grupos sociais distintos, vem sendo muito viabilizada nas redes sociais, nos dias atuais, cresce a procura por cursos de formação em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), tanto na área da tradução e interpretação, como para a de licenciaturas ou de comunicação básica.

Contudo, a Língua de sinais teve momentos de trevas em tempos passados. O cenário em que as línguas sinalizadas eram totalmente diferentes do que temos hoje, noutro tempo, os sujeitos Surdos usuários de língua de sinais foram proibidos de sinalizarem, tendo muitas das vezes suas mãos amarradas para que esses não usassem a sua língua natural (ROSA, 2013).

O oralismo² que foi um método educacional dos sujeitos Surdos, tinha como principal fundamento as pesquisas de Alexander Graham Bell, em que esse método perdurou por mais de cem anos após acontecer o congresso em Milão, onde aconteceu a votação o melhor meio de comunicação e ensino para Surdos, entre o oralismo e a língua de sinais para que se usasse no método de educar os Surdos, vale salientar que os professores Surdos não tinham direito de votação, apenas votaram os professores ouvintes e profissionais clínicos, sendo assim o oralismo venceu (ROSA, 2013).

A partir deste congresso, o povo Surdo foi muito prejudicado, estes não tinham o direito de expressar-se em sua língua materna (PEREIRA, 2015). Todo esse processo acarretou em um prejuízo enorme na educação dos sujeitos Surdos, bem como, no desenvolvimento cognitivo destes sujeitos e que ainda hoje, mesmo com toda evolução, esse dano ainda reflete sobre essa gente e nos processos que os envolvem até nos dias atuais em que estamos produzindo esta pesquisa.

A partir dos estudos do linguista Stokoe (1960), que percebeu que as línguas de sinais apresentam estruturas próprias e sua gramática é independente das línguas orais, e através das línguas sinalizadas era possível transmitir informações como quaisquer outras línguas, e que os Surdos poderiam ser educados através da língua de sinais, essa que é usada como a primeira da comunidade surda, (PEREIRA, 2015).

Com o passar do tempo, leis e decretos foram surgindo para que os direitos das pessoas surdas fossem validados e que esses tivessem o privilégio de comunicar-se em sua língua materna, onde na ocasião nunca era para ter sido negado esse direito de igualdade como sujeitos, sem distinção.

Após diversos estudos relacionados ao sujeitos Surdos, a língua de sinais foi ganhando espaço e no Brasil com a lei nº 10.436 de 2002 (BRASIL, 2002), a língua de sinais foi reconhecida como meio legal de comunicação das pessoas Surdas, logo mais tarde o decreto nº 5.626 de 2005 (BRASIL, 2005), regulamenta e reconhece a lei da Libras anteriormente aprovada. A lei legitima o direito dos sujeitos Surdos a terem acessibilidade linguística em diversos locais públicos, quebrando uma barreira comunicacional vigente. Podemos ver no decreto nº 5 626/2005, no art. 26 que:

Art. 26. A partir de um ano da publicação deste Decreto, o Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão de Libras e da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa,

² Método usado para educar surdos, onde neste se usava a fala oral ao invés da língua de sinais. Esse método teve Alexander Graham Bell como um dos principais defensores. Para ele, esse método seria o mais adequado e que através deste, os surdos teriam mais eficácia na sua aprendizagem.

realizados por servidores e empregados capacitados para essa função, bem como o acesso às tecnologias de informação, conforme prevê o Decreto nº 5.296, de 2004 (BBRASIL,2005).

Contudo, é muito visível a falta deste comprimento de dever de uma grande maioria dos estabelecimentos públicos e privados, em grande maioria, não se tem profissionais que saibam se comunicar por meio da língua de sinais, deixando as pessoas surdas sem ter acesso a informação ou impedindo de lhes informar algo, devido a barreira da comunicação em diversos espaços.

Usando um exemplo mais concreto e comum de se perceber, a educação que é oferecido aos sujeitos Surdos é inadequada em sua maioria. Os professores ouvintes não sabedores da língua de sinais, ministram os conteúdos de forma oral auditiva pela língua portuguesa, deixando o sujeito Surdo sem acesso às informações, prejudicando assim o desenvolvimento este aluno. A educação do sujeito Surdo é um direito concedido pelo decreto nº 5.626/2005, em que o mesmo determina que:

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de: I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental; II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa (BRASIL, 2005).

No Brasil existe poucas escolas bilíngües que oferecem o ensino adequado para os Surdos, como o caso das escolas bilíngües, o que mais se percebe é que os alunos são incluídos em sala de aula juntos com ouvintes, professores em sua grande maioria não são conhecedores da língua de sinais, e em apenas em algumas escolas se tem o auxílio de um tradutor intérprete para fazer a acessibilidade lingüística.

Em que este fato nos mostra a importância de pensarmos em como a cultura e a língua da comunidade surda é fator de impacto para quando pensamos neste processo de educação, mas mais que isso das práticas sociais entre a cultura ouvinte e a cultura surda. No próximo tópico iremos entender um pouco sobre a cultura surda e a cultura ouvinte, fazendo assim uma analogia entre estas dentre várias outras culturas existentes no Brasil.

2.2 Culturas: cultura surda e cultura ouvinte

Essa nomenclatura: “cultura” está ligada a todas as manifestações dos povos que existem, seja no modo de falar, vestir, comidas, entre outros, essas práticas vivenciadas pela humanidade são consideradas culturais, independentemente de lugares, cor da pele, raça (SANTOS, 1987). Para o autor, não há povos que sejam imunes de cultura, sendo que essa se faz no decorrer da sua existência e pelas suas vivências.

Quando nascemos, certamente somos cercados de pessoas que já estão na sociedade e esses já se relacionam, por mais que não nasçamos com uma cultura definida atrelada, porém, estamos imersos ou localizados geograficamente ou historicamente em uma existente, isso nos faz adquirir, naturalmente a cultura que se estabelece. Mesmo com todo aparato teórico existente, muitas pessoas subjugam culturas distintas, onde uma quer prevalecer um valor sobre a outra. Para Santos (1987):

Não há superioridade ou inferioridade de culturas ou traços culturais de modo absoluto, não há nenhuma lei natural que diga que as características de uma cultura a façam superior a outras. Existem, no entanto, processos históricos que as relacionam e estabelecem marcas verdadeiras e concretas entre elas. (SANTOS, 1987, p. 13-14)

Ainda sobre os valores culturais, Santos (1987) explica que existem traços que marcam a história dos sujeitos. Para o autor, uma sociedade mais desenvolvida do que outra não o faz que essa cultura seja maior, os valores culturais não estão ligados ao desenvolvimento ou atraso social, mais sim, em experiências de cada povo, os costumes, as tradições.

É fato que temos culturas mais visíveis, isso ocorre, não só pela diferença de estrutura de um povo, como também pela maioria sobre a minoria, mesmo assim, as mais vistas em destaque não têm valores maiores sobre as menos vistas. Levando para as culturas menos vistas em uma sociedade cultural majoritariamente ouvinte, vamos citar a cultura surda, que por ter uma população minoritária, teve sua cultura em discussão sobre a sua existência.

Strobel (2008, 2009) explica que a cultura surda foi por muito tempo estereotipada pela cultura dominante (principalmente ouvinte), que ao invés de ser visto como um ser diferente, com modo de pensar, falar, expressar-se e ver o mundo pelo visual, tendo suas formas de perceber e se identificar culturalmente distintos do povo ouvinte, em que muitos não querem aceitar que esses sujeitos tenham uma cultura diferente da dos ouvintes, mais ao invés disso, preferem segmentar pelo aspecto clínico e simplesmente chamá-los de deficientes.

A comunidade Surda compartilha experiências visuais, possui artefatos culturais que são indenitários ao povo Surdo de maneira que esses sujeitos se reconheça como parte de sua

comunidade (STROBEL, 2008, 2009). Os artefatos culturais para autora são: Experiências visuais, que é a maneira de como o povo Surdo percebe o mundo; desenvolvimento linguístico, esse é como os surdos iniciam a se comunicar; família, que é a relação em seu laço familiar importantíssimo no desenvolvimento do indivíduo: literatura Surda, que é a maneira de como os Surdo expõe e ver a arte como poesia, contos, teatros entre outros.

Vida social e esportiva são as práticas esportivas e eventos que a comunidade Surda organiza para confraternizar com algo, comemorações: artes visuais, são pinturas, muitas das vezes essa arte reflete uma data marcante ou um fato que marcou a comunidade. O artefato política é visto em lutas por direitos, que tem surtido efeitos em conquistas como a Lei 10.436 (BRASIL, 2002), que reconhece a libras como meio legal de comunicação dos Surdos no Brasil.

Mais um artefato cultural Surdo é os materiais, este que são os recursos que o povo Surdo usa para poder ter acessos as informações, se comunicar, locomover entre outros que seja suporte para seu uso diário (STROBEL, 2008, 2009). Neste caso a comunidade Surda tem artefatos culturais que colabora para que estes sujeitos tenha a autonomia e reconhecimento de sua cultural em meio a uma misticidade de culturas existente.

No Brasil, há uma mistura cultural de diversos lugares da Europa, temos assim culturas mistas, existem culturas dentro de outras, saindo de cultura geral para mais particulares (SANTOS, 1987). Sendo que em cada região, os sujeitos vivem em grupos, e que esses não vivem em comunhão com todos, mais sim com povos da região que vivem. As práticas e costumes que acontecem em um lugar, certamente são diferentes de outras, por mais que tenha traços com pequenas semelhanças, não será a mesma cultura, ou mesmo dentro de uma perspectiva de hegemonia.

Essas experiências da sociedade se desenvolvem e sofrem modificações, vista que esses aspectos culturais estão nos seres humanos, e estes se modificam a cada dia, junto com estes, a sua cultura vai modificando, a realidade cultural está nas vivências de quem os vive e experiência. O jeito de falar, de agir no mundo e vestir se modifica devido as diferenças de cada região, de cada sujeito que ali habita, dificilmente as pessoas de um determinado setor tem traços iguais, mais sim, semelhanças com um outro, visto que muitas das vezes esses traços se modificam, até mesmo dentro da mesma localidade. Essa variação da cultura é mais que natural, pois existem vários traços culturais e as pessoas vão criando estilos e culturas que outros vão adquirindo.

Para Santos (1987) essa variação por mais que aconteça, esta vem de uma já existente, de experiências vividas de um agrupamento de pessoas que antecederam os sujeitos de uma época atual, e esses tinham seus jeitos e que as gerações seguintes tendem à usá-las e inserir

uma nova cultura dinâmica, para que novas experiências culturais sejam vividas, o autor ainda explica que essa relação de manifestos precisa ser respeitada, sendo que estes têm os mesmos valores culturais.

Como vimos, a cultura se estabelece na humanidade através das vivências que estes estão a desenvolver, junto às experiências, gostos, costumes, fala, seja ela oral auditiva ou visual espacial, comidas e entre outros, estes sujeitos que se relacionam e interagem compartilham da mesma cultura (SANTOS,1987). Se comunidades que compartilham a mesma língua, mesmas experiências há uma pequena distinção de costumes e crenças, sendo assim, como pode o povo Surdo compartilhar as mesmas experiências? Strobel (2015) cita que os Surdos vivenciam suas próprias experiências e que a cultura ouvinte por não vivenciar e não compartilhar da cultura surda, eles subjugam e taxam de deficiente ao invés de reconhecer que estes são diferentes.

Muito se questionava sobre a cultura surda, várias dúvidas giram em torno de que se realmente a cultura surda existe ou não. Strobel (2015) relata que algumas pessoas imaginam que cultura está relacionada apenas a eventos, cerimoniais, comidas, danças, e nestes movimentos e costumes que envolvem as pessoas da região, estão os sujeitos Surdos e por isso, com a participação desses no meio, esses sujeitos interagem pela e na mesma cultura.

O fato de sujeitos Surdos estarem no meio com os ouvintes, e compartilhar do mesmo espaço, não é o mesmo de compartilhar das mesmas experiências. Para o sujeito Surdo, a forma de perceber o mundo, as experiências de vida são visuais, suas manifestações e expressões são diferentes da cultura ouvinte. Geralmente, em eventos organizados por pessoas ouvintes, quase que sempre essas cerimônias não são inclusivas para que sujeitos Surdos tenha o mesmo direito de absorção deste evento igualitário aos ouvintes, o indivíduo fica ocupando o mesmo espaço junto aos ouvintes, mas sem compartilhar das experiências propostas.

Os Surdos estão inseridos no local junto aos ouvintes, porém, os mundos são diferentes e conseqüentemente, a cultura não é a mesma. Para Santos (1987), as culturas estão ligadas as experiências, vivências e nos costumes de um povo, sendo assim, os Surdos vivenciam suas experiências distintas dos ouvintes. Uma das práticas que distinguem as duas culturas, a ouvinte da surda, é a língua. As pessoas ouvintes tem sua língua, dentro de uma perspectiva de língua oral-auditiva e as pessoas surda, pela visual-espacial.

Muitos ouvintes se comunicam em língua de sinais, bem como, muitos Surdos comunica-se em português na modalidade escrita ou até mesmo de forma oralizada. O fato de um sujeito ouvinte saber língua de sinais e de Surdo saber o português escrito, não significa que os mesmos compartilham integralmente da mesma cultura, mas sim de um ou mais dos artefatos que ambos os sujeitos conhecem (STROBEL, 2015). A autora ainda ressalta que essas pessoas

pode ser “biculturais”, mais para ter esse “bi-culturalismo”, é preciso que esses sujeitos além de dominar ambas as línguas, precisam estar inseridos nas duas culturas, compartilhar outras experiências.

Strobel (2015) ressalta que a grande maioria dos sujeitos Surdos vivencia e participam de eventos, compartilham experiências com ouvintes, esses Surdos são biculturais, que tem acesso às duas culturas, porém, isso não acontece com a maioria dos ouvintes, por mais que tenham contato com Surdos, saibam a língua de sinais, esses em sua maioria não são biculturais.

É comum encontrarmos Surdos em festas juntos com ouvintes, alguns desses sujeitos dançando de forma bem sintonizada com os ouvintes, essas atitudes fazem do sujeito Surdo um ser bicultural, ao estar envolto com a música neste ambiente, e sendo este um artefato característico da cultura ouvinte.

Para Hagiara-Cervellini (2003), a música faz parte da vida do Surdo, se a música não é interpretada na língua de sinais, mesmo assim, ele sente emoções através das vibrações sonoras. Os ouvintes participam de eventos dos Surdos, como reuniões, festas organizadas por Surdos, porém, se não estiver imerso na cultura surda, certamente não entenderá como é a cultura, é apenas figurante, sendo assim, este ouvinte não será bicultural, conforme entendemos com as teorias de Strobel (2015).

As culturas têm semelhantes valores sem contrastes de povos (SANTOS, 1987), porém a cultura surda muitas das vezes é questionada, se confundindo com a ouvinte, pelo fato de os Surdos estarem em convivência com a cultura ouvinte, compartilhando de espaços, eventos, modo de vestir-se e entre outros. Strobel (2015) relata que a participação desses sujeitos no mesmo espaço não significa dizer que estes estão compartilhando das mesmas vivências.

A cultura surda pode ser compreendida como o jeito de como o ser surdo interpreta o mundo e o faz modificar, de modo que se torne acessível às suas especificidades, adaptando as suas percepções visuais que se congregam com as suas identidades surdas particulares para um movimento maior, a comunidade surda (GOMES-SOUSA, 2018, p 35).

A cultura surda tem suas vivências distintas, e como já mencionado, quase tudo é pensado para a cultura ouvinte, com isso, a comunidade surda implementa novas formas de artefatos já existentes que não tem acessibilidade ou utilidade para pessoas surdas, fazendo com que estes tenham um melhor uso ou uma percepção sob a sua cultura.

O Brasil é um país multicultural, que por mais que tenham culturas semelhantes em alguns aspectos, em outros se distingue. Na cultura surda e ouvinte, muitos traços culturais são semelhantes como, por exemplo: comidas, vestimentas entre outras, porém, em outros aspectos há uma distinção, dentre estes a mais visível é a comunicação.

A cultura ouvinte usa como meio de comunicação a língua de modalidade oral-auditiva, esses por ter uma maioria linguística e por ser uma língua majoritária do país não sofrem preconceitos linguísticos, sempre teve a comunicação de forma livre, sem restrições em sua comunicação, facilitando a vivência comunicacional dos sujeitos ouvintes, sem prejuízos no tocante ao desenrolamento cognitivo.

A comunidade surda usa a língua de sinas para se comunicar, essa diferente da ouvinte, sua modalidade é a visual espacial, que por ser uma língua minoritária, usada principalmente por Surdo e pessoas envolvidas na comunidade surda, sofre preconceitos por ser uma modalidade distinta da língua majoritária do país.

O fato de a língua oral auditiva ser majoritária, quase tudo é pensada para o sujeito ouvinte, facilitando para esses sujeitos a compreensão de mundo sem muitos empasses, pois muitas das habilidades que os sujeitos compartilham da comunidade ouvinte, já desenvolve quando criança, estimulados pela própria família, amigos, contribuindo assim em seu desenvolvimento (GOMES-SOUSA, 2018).

O sujeito que convive na comunidade surda terá a sua língua desenvolvida de acordo com seu povo, que muitos deles não dispuseram de um incentivo linguístico sendo que em grande parte, os sujeitos Surdos são filhos de pais ouvintes não conhecedores da língua de sinais. O fato de os pais não incentivarem o desenvolvimento linguístico é de não conhecer a língua de sinais em sua maior parte, com isso tardar a competência da comunicação, consequentemente atrasa o sujeito Surdo no desenvolvimento cognitivo. O Surdo sendo filho de pais Surdos, essa realidade se transmuta, havendo ao invés de atraso linguísticos, um desenvolvimento de forma acelerada, tendo a criação um conhecimento de mundo de forma a não ter prejuízos em sua aquisição da língua.

Pode-se perceber o uso da campainha em casa de sujeitos ouvintes, ela faz o alerta através do som, fazendo assim com que chame a atenção do sujeito. Na residência de sujeitos Surdos, essa campainha terá uma nova forma implementada para a utilidade apropriada. Não usamos a palavra “adaptada”, haja vista que não vemos como uma adaptação por parte da comunidade surda, mais sim, novas formas, ou formas particulares de uso. Se tudo que ganhar novas formas de uso for chamar de adaptação para o Surdo, a cultura surda vai acabar por ser completamente “adaptada”, que não acreditamos ser isso.

Essas novas formas, fazem com que a cultura surda seja cada vez mais forte politicamente com jeitos próprios de se expressar, dão um maior empoderamento na cultura e para os sujeitos Surdos, fazendo com que a sociedade o aceite e comece a ver esse sujeito, não como uma pessoa com defeito, mas sim, com respeito, como uma pessoa diferente, completa,

sem faltas, e que a sua maneira de vivenciar as suas experiências é válida e que as pessoas surdas são capazes igualmente aos sujeitos ouvintes.

2.3 A musicalidade do sujeito Surdo

A música está presente na vida das pessoas constantemente, mesmo que essas pessoas não percebam. Pereira (2014) ressalta que a música se faz presente nas batidas do coração, no respirar, no pulsar, e através deste no traz emoções e sentimentos. Nessa percepção, a música não fica atrelada apenas ao som das melodias e batidas musicais, mas sim, a todo e tudo que transmita e faz soar algum tipo de ruído sonoro ou algo físico.

Mas, e para o sujeito Surdo, como ele percebe a música? Hagiara-cervellini (2003), cita que esses sujeitos podem sentir e perceber a música pelas vibrações sonoras que a música transmite, bem como, pelo visual, se a música for interpretada para a língua de sinais, sendo usada na tradução, os artefatos culturais Surdos.

A música não está relacionada aos artefatos cultural Surdo no estudo de Strobel (2008, 2009), mesmo assim, isso não quer dizer que ela não possa estar na vida do sujeito Surdo, uma vez que este participe de eventos que tenham música, sintam emoção e compartilhem experiências sonoras/de vibração.

Voltando o nosso olhar para os artefatos culturais, a música pode entrar em um dos artefatos que são: *experiências visuais*, se a música for interpretada em língua de sinais, por exemplo, transmitindo o sentido da música, estimulando no sujeito Surdo a sua musicalidade; bem como, em *vida social e esportivas*, sendo que os Surdos participam de eventos que tem música e os mesmo curtem, sentem as emoções e alguns até dançam, quando levamos em consideração a experiência do Surdo nesta forma de interação com as culturas dos outros.

Hagiara-Cervellini (2003, p. 81) diz que “a música como uma forma de comunicação que carrega no seu bojo a possibilidade de viver, sentir e expressar emoções, é fundamental ao ser humano”, sendo a música tão importante na vida humana, não podemos entender que o sujeito Surdo simplesmente por não ter uma percepção auditiva como a de um ouvinte que automaticamente este está podado de apreciar a música, muito menos de negar a oportunidade dessa gente apreciar e descobrir o prazer de sentir a musicalidade que existe em seu interior.

Alguns Surdos não gostam realmente de música, às vezes por não entender, e outras, por não gostar mesmo. Isso acontece igualmente com os ouvintes, em que temos sujeitos que ouvem e que não gostam de música, prefere o silêncio, por exemplo, sendo mais prazeroso ler um livro, assistir um filme, e nisso, podemos perceber que as pessoas têm gostos diferentes e

isso não está atrelado ao ouvir ou não-ouvir. O fato de uma parte da população não gostar de música, não quer dizer que todos não gostam, ou vice-versa.

É bem possível que os Surdos que não gostam de música, não tenha tido um contato com esse gênero de forma agradável, e que este contato não tenha sido estimulado. Levando para esse lado, vamos imaginar uma música mal tocada, com ritmos e melodias desarmoniosas, deixando esse som desagradável de ouvir, teríamos o mesmo gosto se compararmos com uma música bem tocada, harmonicamente prazerosa de ouvir? Provavelmente não, esse mesmo fato pode ocorrer com uma música mal interpretada para uma pessoa surda.

O sujeito Surdo deve ter todas as chances de uma vivência musical ampla que garanta o desenvolvimento de sua sensibilidade musical, lhe possibilite expressar sua musicalidade e dê condições de descobrir, explorar e se apossar dos elementos musicais como recursos para citar e resgatar a prática natural e fazer a própria música. (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003, p. 85-86).

Para que o sujeito Surdo possa desenvolver as habilidades para o corpo humano que a música proporcione o desenvolvimento, só lhes é possível se desde cedo o Surdo tenha contato com a música, estimular a criança a ter esse contato, e buscar sempre uma melhor forma de apresentar à música, ligando sons/percepções a imagens, para que o sujeito possa compreender o sentido da música na qual está sendo apresentada.

O fato de a música ser admirada em sua grande maioria por pessoas ouvintes, que é um grupo populacional bem superior do que o público Surdo, muito faz juízo que a música não faz parte da comunidade surda, “Isto pode levar a distorções e surpresas, quando essas mesmas pessoas veem o resultado do trabalho realizado no Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Capparelli e em outros centros de ensino musical para Surdos” (PEREIRA, 2014, p 447).

O Conservatório fica na cidade de Uberlândia-MG e tem o intuito de ensinar a arte da música, entre os professores do conservatório, uma é Sarita Araújo Pereira, a mesma é surda ministra musicalização e teclado no projeto *O Surdo: Caminho para Educação Musical*, esse projeto foi aplicado no ano de 2001, “Com o desenvolvimento das atividades, o Surdo sente a música em várias partes de seu corpo por meio das vibrações sonoras” (PEREIRA, 2014, p, 447). A professora surda relata ainda que com o decorrer das aulas, os alunos Surdos conseguiam identificar a frequência sonora através dos sentidos de seu corpo com pés, pernas, braços, pescoço e peito (PEREIRA, 2014).

Demuestra assim, que os sujeitos Surdos além de poder curtir a música de forma a sentir o prazer musical, podem expressar a sua musicalidade através do gênero interpretado ou por sentir as vibrações sonoras, estes também são capazes de aprender a tocar instrumentos

musicais, se acaso a essa gente seja oferecido a oportunidade adequada para que eles possam ter a compreensão na forma de expor e de ensinar.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo realizado pode ser caracterizado quanto aos objetivos como descritivo e exploratório, que segundo Gil (2010), este tipo de pesquisa pode ser usado por melhor se intercalar com o trabalho realizado, para obtermos os dados e dar suporte a esse estudo. Uma vez as pesquisas descritivas estão voltadas para a “descrição das características de determinada população” (p. 27), e auxiliam para “identificar possíveis relações entre variáveis” (p. 27), bem como, a pesquisa exploratória “proporcionar mais familiaridade com o problema” (p. 27). Em que investigamos como se dá o acesso do Surdo à música e como eles as compreendem.

A pesquisa realizada teve como objetivo analisar a perspectiva do Surdo sobre a música, sua compreensão e averiguar se a música pode ser inserida nos artefatos culturais Surdos. Para isso, contamos com a participação de Surdos que fazem parte da comunidade surda da cidade de Caraúbas, no estado do Rio Grande do Norte.

3.1 Sujeitos da pesquisa e critérios de escolha

Nesta pesquisa, selecionamos seis sujeitos Surdos com idades variadas. Os critérios usados para a seleção e escolha dos sujeitos Surdos foi: fazer parte da comunidade surda da cidade de Caraúbas-RN; o segundo critério de escolha foi que o sujeito Surdo fizesse parte da Associação de Surdos de Caraúbas – ASCAR e pelo nível de escolaridade dos mesmos.

Ao ter acesso aos contatos telefônico de todos os integrantes da ASCAR, selecionamos 6 Surdos para enviar o convite para participar da nossa pesquisa, de imediato todos aceitaram a colaborar. Dentre os participantes, foi selecionado 3 (três) homens e 3 (três) mulheres com diferentes níveis de escolaridades como ensino médio, graduação e pós-graduação.

Não foi levado em consideração o nível financeiro, religião, cor, entre outros fatores que não interferem diretamente na nossa pesquisa. Com os dados em mãos, fizemos comparações com referências teóricas que embasam a pesquisa para sabermos se a música deveria estar entre os artefatos culturais ou não da comunidade surda.

3.2 Coleta de dados e procedimentos metodológicos

A coleta de dados foi realizada em duas etapas, que correspondem aos passos de acordo com os objetivos específicos da nossa pesquisa, em que realizamos: um questionário bilíngue (português escrito e Libras sinalizada), e uma entrevista bilíngue semiestruturada. Primeiro, foi aplicado um questionário bilíngue (SILVA, 2018), com perguntas fechadas e abertas para ter discernimento sobre o grau de afinidade que o sujeito Surdo tem com a música.

Indagamos no mesmo questionário o grau de surdez que ele se enquadra, usamos os níveis de leve, moderada, profunda e severa (PEREIRA, 2015). O mesmo se deu em português e Língua Brasileira de Sinais, todo o processo de capturas de informações do questionário foi gravado em vídeo tanto pelo *Google Meet*, como também, pela ferramenta de gravação de vídeo *OBS Studio*. Pós termino da fase de perguntas, todo questionário foi traduzido para o português na modalidade escrita.

No segundo momento, realizamos uma entrevista com os mesmos sujeitos, em que apresentamos em vídeo uma música interpretada em Libras, a música selecionada através da rede social *YouTube*, em que a escolha se baseou em critérios de busca com músicas interpretadas em Libras. O critério que usamos no momento da escolha das músicas foi o número de visualizações, a mais visualizada foi selecionada.

Logo após a apresentação da música, realizamos uma entrevista que também foi gravada e depois traduzida para o português na modalidade escrita, a saber as opiniões e impressões dos sujeitos Surdos participantes sobre a música analisada. A entrevista foi semiestruturada, com perguntas abertas e fechadas, relacionadas à música interpretada em Libras que lhes foi apresentada, para ter conhecimento das sensações e emoções que o Surdo sentiu ou deixou de sentir. Com o material, fizemos uma análise com base nas respostas dos participantes, correlacionando com um suporte teórico buscando entender a relação do sujeito Surdo com a música e o que eles sentem ao ouvir/sentir a música.

Devido ao momento de crise sanitária provocada pela nova coronavírus, que causou uma pandemia, o processo de fazermos a entrevista e recolhermos a respostas do questionário foi feito através da plataforma virtual *Google Meet*, que na ocasião foi feito em salas individuais em dias diferentes entre os participantes da pesquisa.

Ficamos atentos no momento em que estávamos na sala virtual para que ficassem claro para o participante cada questionamento feito a eles, por algumas vezes precisou-se voltar à algumas questões por motivo de problemas de falha de visualização do vídeo/questionário que estava sendo exibido, provocado provavelmente por pequenas falhas de internet.

No momento de apresentar o vídeo da música, após iniciar a música, ficávamos atentos se a qualidade do vídeo era o suficiente para a compreensão do participante, caso a qualidade fosse prejudicada, enviávamos o link do vídeo/música através do chat da reunião virtual para o colaborador entrevistado pudesse acessar com uma melhor qualidade.

4 EXPERIÊNCIAS MUSICAIS DE SURDOS DE CARAÚBAS/RN

Nós, seres humanos, vivenciamos diariamente a musicalidade que existe em cada um, seja por vários aspectos sonoros que existe no meio ambiente. Não estamos nos referindo que todos estejam a escutar músicas a todo instante, porém, escutamos os sons e sentimos estes sons quando um pássaro canta, quando o vento sopra e em cada uma dessas escutas ou sentimento sonoro, nos trazem uma emoção diferente.

Olhando do ponto de vista ouvintista, as pessoas surdas não escutam o som do cantar dos pássaros e muito menos escutam o barulho do vento. Concordamos que o escutar neste sentido, realmente os Surdos não irão, pelo menos em sua maioria, pois este tem uma maneira de perceber o mundo por uma via não auditiva, porém, estes Surdos têm pele, são sensíveis e sentem o vento, percebe o cantar dos pássaros, causando-lhes emoções de outras formas.

Haguiara-Cervellini (2003) em seu livro, apresenta a musicalidade surda e traz duas perspectivas sobre a música, uma é do ponto de vista físico, que trata da musicalidade exterior, que são as variações de alturas, duração de música, a construção da melodia, o outro ponto de vista que a autora se refere é a estética, na qual se trata do efeito que a música pode causar ao homem, que são elas: as sensações, emoções sentimentos e ideias (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003).

Os dois pontos que a autora trata no tocante a música, podem se atribuir para a pessoa ouvinte como a uma pessoa surda inserida no processo, haja vista que os dois podem causar ruídos e estes causam sensações sonoras e vibração para as pessoas ouvintes e vibrações para as pessoas surdas, causando-lhes emoção, sejam boas ou ruins.

Advinda naturalmente da cultura ouvintista, pelo tradicional modo de como a música é vivenciada pela maioria das pessoas que a ouvem, limitando a música apenas ao som, esquecendo que a mesma tem outra gama de recursos como batidas sonoras dos instrumentos musicais, ritmos, que se tirar de uma execução da música, esta perde a qualidade e a beleza da mesma.

É um pensamento comum que vemos de muitos afirmarem que a música não faz parte da comunidade surda, justamente por levarem em consideração apenas a audição como parte

do corpo que absorve a música. Mesmo que tenhamos outras partes do corpo que podem sentir os recursos sonoros através da vibração que as ondas sonoras causam, fazendo assim, com que as pessoas venham a sentir uma sensação prazerosa ao corpo, quando ligada ao que escutamos, essa sensação causa uma maior emoção.

Para a pessoa surda profunda, que não tem como “ouvir” o som da música, em seu sentido físico em plenitude, muitos acreditam que a música não faz de sua cultura, justamente por motivo de a grande maioria das pessoas que tem acesso a música sejam os ouvintes, porém, a comunidade surda está exposta a música em diversos ambientes que frequentam, seja em eventos de família, eventos públicos, na escola, igrejas entre outros momentos que a música se faz presente na vida social da pessoa surda.

Strobel (2015), relata que o fato de um Surdo ter contato com algum tipo de artefato exposto em seu dia a dia, não significa que seja compartilhado pelo sujeito Surdo, que, ter contato é diferente de compartilhar as vivências. Concordamos com a autora, porém, quando se fala de música, é um processo arriscado ao pensarmos ou falarmos que a música não seja compartilhada entre as pessoas surdas, em que estamos investigando essa relação na realidade da nossa pesquisa.

Ao realizarmos a pesquisa, podemos perceber várias questões que pretendemos nos debruçar em nossa análise. Como já descrito em nossos procedimentos metodológicos, realizamos a pesquisa com seis Surdos da comunidade surda de Caraúbas – RN, com gênero, faixa etária e níveis de escolaridades diferentes. Em que temos o seguinte quadro:

Tabela 1 - Participantes da pesquisa

	Nome fictício	Sexo	Escolaridade	Surdo (Grau)
1	Larissa	F	Ensino Médio	Moderada
2	Marisa	F	Ensino Médio	Moderada
3	Matheus	M	Graduando	Profundo
4	Miguel	M	Graduando	Profundo
5	Benício	M	Pós-Graduado	Profundo
6	Paloma	F	Pós-Graduada	Moderada

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Toda a aplicação do questionário se deu de forma virtual pelo aplicativo *Google Meet*, em que foram gravadas as respostas e traduzidas e transcritas neste material. Vale salientar que

antes da aplicação do questionário em si, foi apresentado o TCLE - Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (em anexo) em Português e em Libras, de forma bilíngue para que não restassem dúvidas ou travamentos na recepção das informações de forma correta para os participantes da pesquisa. Além do TCLE, o questionário bilíngue pode ser acessado pelo QRcode³:



Figura 2 - TCLE e Questionário Bilíngue

Para fins didáticos, dividimos o questionário em duas partes: o primeiro: ideias iniciais sobre a música e os artefatos culturais dos Surdos pelos Surdos e, o segundo: análise da percepção musical pelos Surdos: entre o som, a vibração e o sinal. Estas duas partes correspondem às partes do questionário, que serão apresentadas a seguir:

4.1 Ideias iniciais sobre a música e os artefatos culturais dos Surdos pelos Surdos

Ao fazer essa pesquisa nos deparamos com inúmeras respostas vinda da comunidade surda da cidade de Caraúbas-RN sobre o tema “música”, no questionário respondido por pessoas surdas, que foram 06 participantes no geral, inicialmente perguntamos sobre os graus de percepção auditiva, dentre estes 03 tinham surdez profunda e 03 tinham surdez moderada como podemos ver na tabela 1.

A segunda pergunta foi “Como você se descobriu um ser Surdo? ”, em que percebemos é que os sujeitos Surdos narram o seu reconhecer-se como Surdo a partir de diagnósticos médicos e ao se perceber diferentes dos ouvintes. Matheus em sua resposta nos relatou que nasceu ouvinte, o mesmo foi acometido por um vírus que não foi identificado no hospital. Após Matheus sentir muita febre, foi receitado uma injeção, que segundo ele, foi o motivo de sua surdez. Matheus se sentia dispare das pessoas com quem mantinha contato e se reconheceu como um ser Surdo aos 9 anos de idade, quando teve contado com outros Surdos.

³ QR code, ou código QR, é a sigla de “Quick Response” que significa resposta rápida. QR code é um código de barras, que foi criado em 1994, e possui esse nome pois dá a capacidade de ser interpretado rapidamente pelas pessoas. O QR code é utilizado por várias indústrias, como revistas e propagandas, e esse código é utilizado para armazenar URLs que depois são direcionadas para um site, hotsite, vídeo, etc. (IEB, 2021).

A participante Larissa em seu relato foi sucinta e falou o motivo que supostamente tenha causado a surdez. Nos relatou que sua mãe teve sarampo quando estava gestante. Pelo mesmo motivo é possível que a participante Marisa tenha nascido surda, haja visto que elas são irmãs gêmeas.

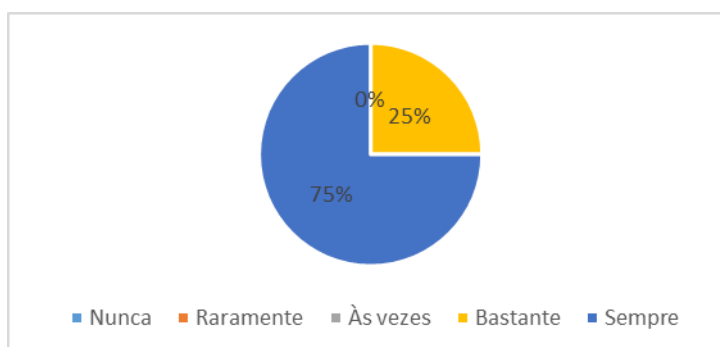
Paloma se descobriu surda após ser submetida a um exame médico. Seus pais estranharam o seu comportamento, em não dar atenção devida aos seus chamados, levando a mesma para um especialista que na ocasião, constatou-se que mesma era surda. Semelhante a Paloma, O participante Benicio se descobriu Surdo após um exame médico e ir na fonoaudióloga, o mesmo nos relatores que foi detectado com surdez aos 4 anos de idade e apenas com nove anos começou a sinalizar.

O se descobrir ser Surdo, o participante Miguel e muito semelhante a situação de Matheus, que com idade de um ano foi acometido por um vírus que não se sabiam qual seria. Após essa doença o comportamento de Miguel foi mudando, em que nos relatou que se sentia estranho junto as outras pessoas, quando tinha entre 6 a 7 anos ele encontrou um grupo de Surdos se comunicando em língua de sinais, e relata que se identificou com o grupo, mas segundo ele só veio se reconhecer como Surdo de 9 para 10 anos.

As pessoas surdas por se minoria populacional em meio a tantos ouvintes, ficam sem entender a diferença linguística e as consequências disso em outras esferas e campos, que para a maioria dos Surdos estes não têm contato com a sua comunidade, fica o sujeito buscando se achar linguisticamente e cultural.

Na terceira pergunta, queríamos saber se os mesmos “tinham contato com outros Surdos” e entre as opções apresentadas pudemos ver a seguinte situação:

Gráfico 1 - Contato dos Surdos participantes com outros Surdos

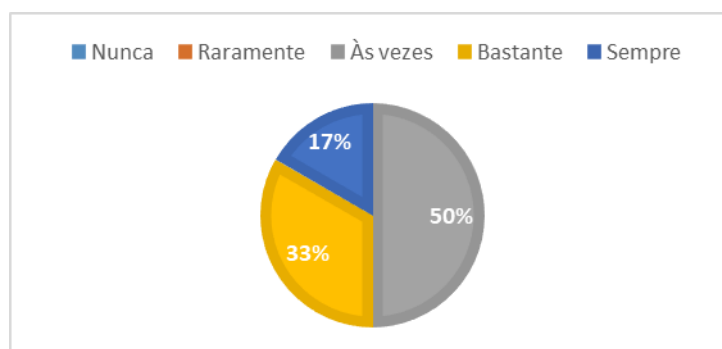


Fonte: Elaboração própria.

Em 75% os participantes informaram ter sempre contato com outros Surdos, e 25% responderam terem bastante contatos com outros Surdos, o que nos remete ao processo de identidade, uma vez que o contato com o outros estes se identificam e se desenvolve junto ao seu semelhante, ficou bem claro no relato de Matheus e Miguel, onde os mesmos perceberam que eles não eram estranhos, que existiam pessoas que se comunicavam de outra maneira que não fosse oralizada, que ao invés disso, usavam as mãos para se comunicar.

A quarta pergunta do questionário, é no sentido de saber se “no convívio com a cultura ouvinte você participa de eventos que tenha música?” Em que gostaríamos de saber qual a percepção dos mesmos sobre isso e assim nos informam, como podemos ver o gráfico a seguir:

Gráfico 2 - Participação dos Surdos em eventos da cultura ouvinte que tenham música.



Fonte: Elaboração própria.

Ao perguntarmos aos participantes da pesquisa, no convívio com a cultura ouvinte, se eles participam de eventos que tenha música. As opções de respostas eram, A - nunca, B - raramente, C - às vezes, D - bastante, E - sempre. Os participantes Matheus, Miguel e Paloma responderam à questão C, às vezes, Larissa e Marisa responderam à questão D, bastante e Benício respondeu questão E, sempre.

As respostas variaram entre as vezes, bastante e sempre, as opções de nunca e raramente não foi respondida entre os participantes, mostrando assim que os Surdos estão sempre em contato com a música, compartilhando junto à comunidade ouvinte de um artefato cultural que muitos dizem ser da comunidade ouvinte, onde na verdade a música pode ser apreciada e vivenciada tanto pelos sujeitos ouvintes e Surdos.

Já na quinta pergunta em que questionamos o que os mesmos entendiam por música, foi bem interessante, uma vez que:

Tabela 2 – O que os participantes Surdos entendem por música?

Participantes	O que entende por música?
Larissa	“Sempre eu vejo músicas no you tube com interpretação em libras, eu gosto muito”.
Marisa	“Eu escuto músicas da Coreia, muito legal. As vezes meu primo coloca, nos curte bastante”.
Matheus	“A voz do cantor eu não percebo, não entendo, já as batidas, a vibração, tipo... músicas de Djs, MC, forro entre outros tipos. Se está tocando uma música no celular por exemplo, eu não consigo escutar, mas se eu colocar o fone de ouvido, eu consigo sim sentir uma vibração. Minha namorada acha estranho eu com fone de ouvido. Claro que em uma festa de forro, com som alto, a vibração é bem maior, mas com fone eu também sinto a vibração com menor proporção, mais sinto a vibração”.
Miguel	“Minha família sempre frequentou forro, quando eu tinha 18 anos, um amigo meu ouvinte que tenho afinidade me levou para uma festa de forro, eu fiquei pensando como que eu ia saber das músicas se não ia ter legendas, me deram uma dica de entender as músicas fazendo as leituras de legendas para que eu soubesse o significado, porem conhecer as músicas de maneira mais aprofundada é muito difícil, porque tem muitas metáforas, vários tipos de gírias na música. Eu vim entender o que seria musica depois dos 17 anos, antes disso eu não tinha conhecimento, música para mim é som”.
Benício	“Deixe eu ver.... eu não percebo a letra da música quando o canto está cantando, o que eu sinto é a vibração, dá para perceber a intensidade do som, se estar muito alto ou mais suave, os ritmos, porem a letra proferida pelo cantor eu não compreendo. Se tiver a legenda aí sim eu compreendo, mais se não tiver, não dá para entender”.
Paloma	“Eu tenho contato e conheço alguns cantores, mais na música, a palavra em sim eu não tenho entendimento. Eu sinto a vibração do som, dos instrumentos músicas. Só isso mesmo”.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

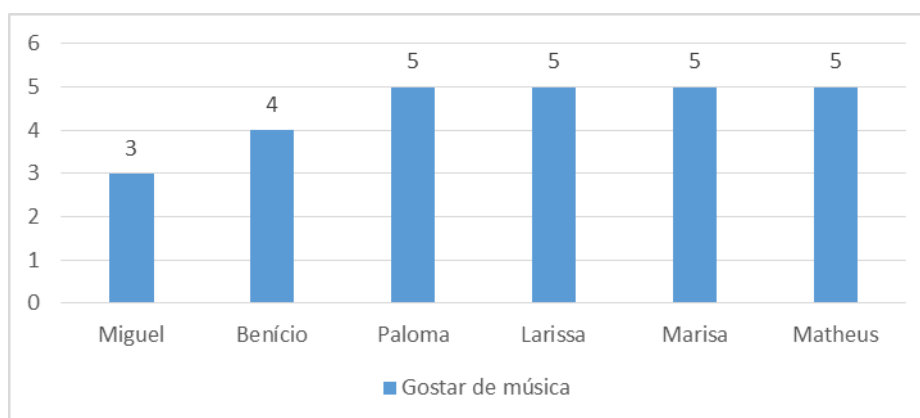
Nesse sentido, podemos perceber que a música para os mesmos é entendida pela percepção sentida de suas experiências em contatos com o gênero, fica bem claro nas respostas quando os participantes respondem ao questionamento com narrativas de fatos em experiências de sentir a música, de como buscam ter contato com a música, e a melhor forma de sentir entre a sinalização e a vibração sonora.

Pelo que pode perceber, a resposta do participante Matheus foi referenciada à sua vivência musical, na qual este sempre tem contato com música, que faz uso de fone de ouvido para sentir

a vibração sonora por mais frágil possível que seja, fazendo referência ao nível sonoro em comparação de o som apenas de um pequeno fone de ouvido, com o som de um evento do tipo uma festa de forró, onde nessa ocasião o nível de som é bem mais elevado se comparado ao som do fone.

O sexto questionamento, também seguindo esta temática, veio a saber se eles gostavam de música, de forma bem direta, percebemos que foi atribuída uma nota de 0, 1, 2, 3, 4, e 5, onde “0” indicava que eles não gostavam de música, e “5”, nesta escala, indicava que eles gostavam muito. Em que temos o seguinte gráfico:

Gráfico 3 - Escala do gostar de música dos participantes da pesquisa



Fonte: Elaboração própria.

O participante Miguel que tem surdez profunda, foi o que deu a menor nota, atribuindo-lhe “3”, a segunda menor nota foi atribuída pelo participante Benício, que tem surdez profunda, ele deu a nota “4”, os participantes Matheus que tem surdez profunda, Paloma, Larissa e Marisa que tem surdez moderada atribuíram nota “5”, que dizem gostar muito de música. A participante Paloma ainda relatou que ao estar em casa nos serviços domésticos, ama ligar o som em um nível mais elevado e que a mesma ama muito música.

Dos 06 participantes que responderam sobre o quanto gostam de música, quatro deles dizem gostar muito, e os dois participantes não atribuíram nota máxima, levando em consideração o quantitativo da nota que era de “0” a “5”, a nota 3 e 4 é muito significativa, demonstram que estes gostam de música, porém, com uma menor proporção.

Por mais que nos estudos sobre artefatos culturais Surdos existentes até o momento, a música não esteja incluída, isso não significa dizer que este não seja presente na vida do sujeito Surdo (STROBEL, 2015). Levando em consideração as respostas dadas pelos sujeitos Surdos

que participaram do questionamento, todos gostam de música e curtem a mesma e que sentem emoção com a música, compartilhando as experiências e suas musicalidades.

Para Haguiara-Cervellini (2003, p.85) “O sujeito Surdo deve ter todas as chances de uma vivência musical ampla que garanta o desenvolvimento de sua sensibilidade musical, lhe possibilite expressar sua musicalidade” isso fica bem claro quando um grupo de Surdo tem bastante contato com a música, reparem as respostas dos participantes ao serem questionados sobre o quanto eles gostam de música, 04 de 06 participantes atribuíram nota máxima, e os demais deram nota acima de 50% do quantitativo da média.

Essas respostas se dão pelo fato de os sujeitos Surdos participantes da pesquisa terem tido um contato significativo com a música, como bem explana a autora (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003), quando lhes dão a oportunidade de você apreciar algo, é que sabemos o que realmente um ser pode ter o conhecimento de algo, se gosta ou não, se lhes faz bem ou não. Sabemos que a música ainda é um assunto muito discutido sobre se esse artefato faz parte da comunidade surda ou não, isso faz com que mesmo os Surdos que gostam de música tenham um receio em falar.

No nosso sétimo questionamento, perguntamos sobre que estilos musicais os mesmos têm mais contato, além da língua portuguesa e a Libras no questionário, fizemos a inserção de imagens que pudessem dar mais representatividade visual para elas, sendo que o recurso sonoro, por exemplo, da melodia não é integralmente distintivo entre os estilos musicais nesta percepção surda. Nesse sentido, fizemos o uso de imagens, como podemos ver abaixo:

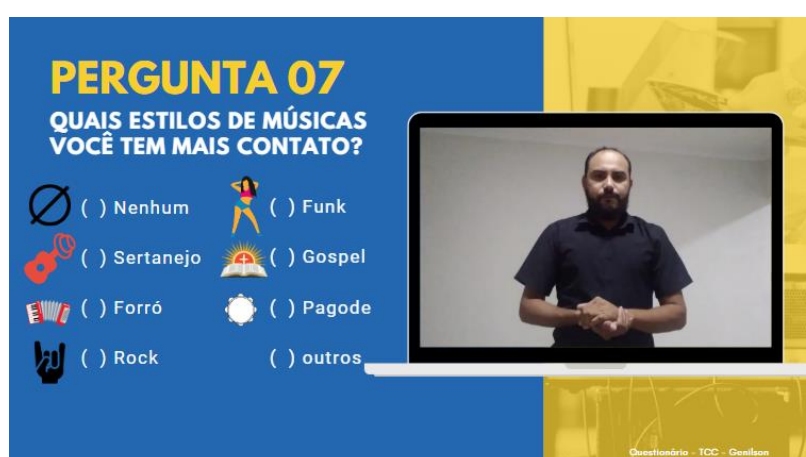
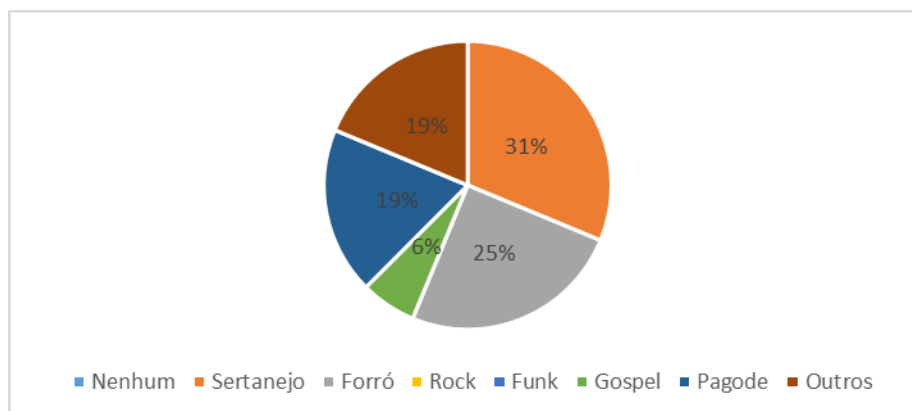


Figura 3 – Questionário bilíngue com imagens
Fonte: Elaboração própria.

Dessa forma, percebemos que os participantes têm mais contato com estilos de músicas: o sertanejo e o forró, representando 56% entre os ritmos, 44% fica subdividido em pagode, gospel

e outros ritmos, mostrando assim que os sujeitos Surdos têm bastante contato com música de vários ritmos. Veja o gráfico abaixo:

Gráfico 4 - Estilos musicais que os participantes têm mais contato

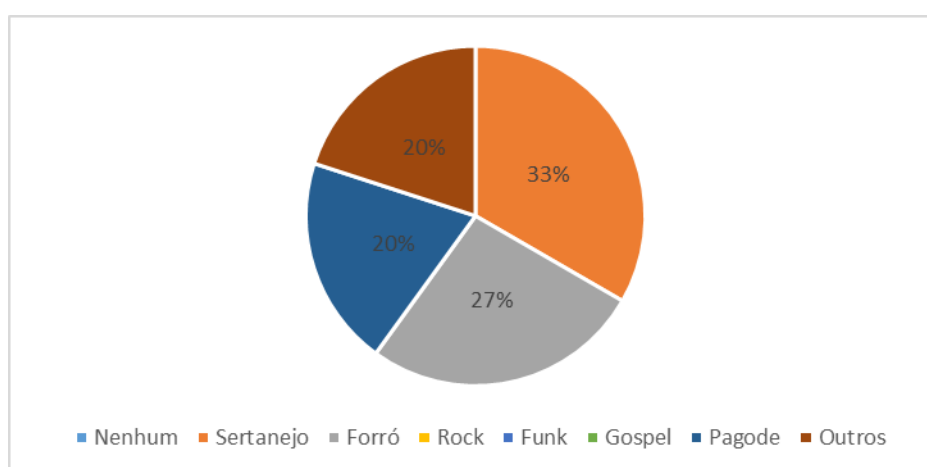


Fonte: Elaboração própria.

Podemos pensar nesta perspectiva pela própria realidade em que nos encontramos geograficamente, que também tem relação com isso, uma vez que os mesmos podem participar de eventos da localidade e isso se atrela à cultura local, por exemplo, de percebemos o forró e o sertanejo na maioria das respostas.

Na oitava pergunta além de conhecer os estilos musicais que os mesmos tinham contato, resolvemos saber quais estilos os mesmos gostavam, dessa forma, temos o seguinte panorama:

Gráfico 5 - Estilos musicais que os participantes mais gostam



Fonte: Elaboração própria.

Dentre uma lista de ritmos apresentado para Matheus, por exemplo, que escolheu sertanejo, forro, músicas gospel e pagode. Perguntamos para ele qual ritmos ele mais gostava,

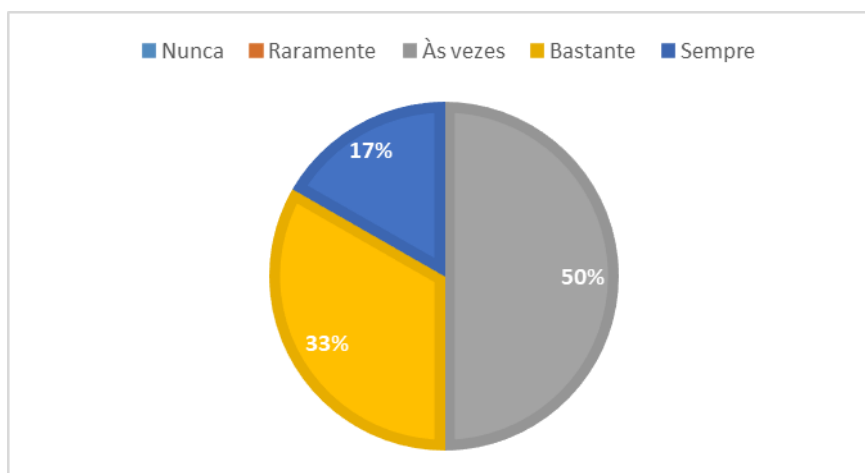
ele respondeu que gostava mais de forró e pagode. Mostra-se com as respostas que o participante Matheus, que tem surdez profunda, tem bastante contato com música, sabendo ele diferenciar ritmos musicais dentre vários existentes, tendo entre estes, os seus estilos musicais de preferência, que por mais que tenha contatos com vários tipos, apenas de alguns ritmos ele gosta.

A musicalidade existe dentro de cada pessoa, e ao expor o contato com a música, automaticamente seu corpo reage ao ritmo musical, uns se expressão em forma de cantarola para acompanhar a melodia, outros em forma de assovio, mexendo os pés, entre outras sensações que o corpo expressa a musicalidade que existe dentro de cada pessoa.

O sujeito Surdo expressa a mesma musicalidade que existe no seu interior, porém o que existe de diferente entre o sujeito Surdo e o ouvinte é a forma de perceber a música. Hagiara-Cervellini (2003), diz que o Surdo percebe a vibração sonora por vários sentidos sensórias, entre estes estão a pele, os pés ao pisar no chão e sentir a vibração, nas paredes ao tocá-lo com a mão, para a autora existe diversas formas de expressa a musicalidade de maneira diferente da pessoa ouvinte.

Ao perguntarmos sobre se os participantes sentem emoções ao assistir músicas interpretadas em Libras, na nona questão, podemos perceber o seguinte gráfico:

Gráfico 6 - Emoções ao assistirem músicas interpretadas em Libras



Fonte: Elaboração própria.

Podemos vislumbrar com estas respostas que a música interpretada em Libras faz com que 50% dos participantes sintam emoção “às vezes”, faz sentir “bastante” emoção em 33%, e em 17 % proporciona emoção “sempre”, a opção “nunca” e “raramente” não foi escolhida entre os participantes, mostrando assim que os Surdos sentem emoção ao ver musicais interpretadas em Libras, mesmo que de alguma forma.

Um outro questionamento que nos chamou bastante a atenção em suas respostas, entre muitas que nos foram respondidas, foi o décimo, realmente colocado para que pudéssemos ver a opinião do cerne da nossa pesquisa, que seria “música e Surdo combinam? Explique”. Vejamos as respostas dos participantes:

Tabela 3 – Saber se música combina com Surdo

Participantes	Música e Surdo combinam? Explique
Larissa	“Combina sim”.
Marisa	“Combina sim, se for sinalizada principalmente”.
Matheus	“Eu gosto de música sim, mas depende muito. Por exemplo, se a música é sinalizada e não tem o som para dá a vibração, não sinto tanta emoção. A música apenas sinalizada é como se faltasse algo, esse algo é justamente a vibração, vocês entendem”.
Miguel	“Minha resposta é sim, mais nem todos os Surdos gostam, só alguns, eu diria que 50% gostam e os outros 50% não gostam. Um grupo de Surdos sente muito apegados a subjetividade da música e segue, já outros Surdos não gosta, é meio a meio. Minha opinião, eu concordo que a música combina com Surdo. Alguns Surdos falam que a música é influência dos ouvintes, que nós não escutamos o som, só sentimos a vibração, como o forro, músicas eletrônicas, porem tem vários níveis de surdez e que alguns Surdos escuta um pouquinho, outro não escuta nada e possa gostar. Minha opinião é que concordo, são 50% que sim outros 50% que não gosta. ”
Benício	“Musica combina com Surdo sim, mais o que combina não é a letra da música, o que combina é o ritmo, a vibração da música, mais a voz do cantor, não combina. ”
Paloma	“Depende de cada Surdo; tem Surdo que escuta um pouquinho que gosta, porem os Surdos profundo não gosta, mais sente o som se estiver muito alto, eles sentem a vibração. Os Surdos que escutam um pouquinho conseguem compreender a música, já os Surdos profundos não sentam a emoção se não estiver a vibração do som. Se tem um evento que o som está muito alto, aí sim, a vibração sonora causa emoção no Surdo”.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Vemos inicialmente com o participante Matheus, que é Surdo profundo, quando lhe foi perguntado se música combinava com Surdo, o participante respondeu:

Eu gosto de música sim, mas depende muito. Por exemplo, se a música é sinalizada e não tem o som para dá a vibração, não sinto tanta emoção. A música apenas sinalizada é como se faltasse algo, esse algo é justamente a vibração, vocês entendem.- Matheus⁴

Percebamos que ele em sua resposta gosta de música, porém, a vibração sonora da música é o que lhe causa mais emoção. A música traz sentimentos diferentes para cada pessoa que escuta ou sente, esse sentimento do participante Matheus, de a música apenas sinalizada ter uma significação menor, podemos comparar com uma pessoa ouvinte que esteja escutando uma música à capela, apenas com a voz, certamente não será igual a se ao se ter a voz com outros instrumentos, por exemplo.

O ser humano dificilmente permanecerá impassível perante uma banda ou uma escola de samba desfilando na avenida. O ritmo musical mexe com os ritmos internos, com o pulsar do coração, com a respiração, com o andar. Diante de um ritmo marcante surge o movimento espontâneo dos pés, o tamborilar dos dedos, o balanço da cabeça ou do corpo, o cantarolar. Ritmo é vida e quem está vivo não escapa dele (HAGUIARA-CERVellini, 2003, p.76)

Tendo como referência a essa citação, o mesmo participante já mencionado nos relatos, este nos informou um fato que ocorreu com ele no ano de 2014, sobre uma experiência sonora/rítmica que aconteceu em um evento ocorrido na cidade de Caraúbas-RN, era na oportunidade um desfile cívico, nesse desfile, a ASCAR, Associação de Surdos de Caraúbas, iria em uma ala fazendo valer a luta da comunidade surda da cidade. Vejamos o que o participante Matheus externou em uma das respostas:

Eu me lembro que no ano de 2014, em um desfile de 7 de setembro, um ex-aluno de Letras Libras por nome de Marcelo [ele fez o sinal do aluno], ele nos ensinava as batidas ligando a contagem, tipo 1...batida, 2...batida, 3...batida, assim nós acompanhávamos o desfile igual aos demais sempre ligando a contagem ao ritmo da batida sonora dos tambores. Os Surdos ficavam sempre atentos aos comandos dele e a da batida dos tambores – Matheus

A músicas trazem sensações incríveis e que marcam as pessoas, fato esse que o participante veio a lembrança que ficou marcado em sua vida. A sonorização causada pelos tambores, além da sensação vibratória que os fez sentir no momento do desfile, serviu para a comunidade surda se sincronizar no desfile junto a todos os demais que estavam a participar.

Na décima primeira questão onde é perguntado se a música deveria estar entre os artefatos culturais, todos responderam que sim, porém, quando foi perguntado se música e Surdo combinavam (pergunta anterior), eles responderam de forma bem subjetiva, sempre justificando o ponto de vista pessoal.

⁴ Todas as respostas e excertos colocados aqui foram dados em Libras e traduzidas para o português seguindo regras de tradução para esta pesquisa.

Entre os participantes podemos perceber que há diferentes forma de justificativa sobre o tema, porém, nenhum dos participantes respondeu que a música não combinaria com os Surdos, sendo assim, podemos compreender que este grupo de Surdo considera que a música é um artefato cultural que pode ser compartilhado entre a comunidade surda. O que podemos perceber nas respostas é que uns entendem que na música, o que faz mais sentido é a vibração sonora, outros já entendem que a sinalização traz mais emoção, e para outros a sinalização junto a vibração sonora é a maneira mais ideal de sentir melhor a música.

Percebamos que cada sujeito tem sua particularidade de sentir a sua musicalidade, para uns é a batida sonora, para outros são os sentidos que a música transmite, porém, em cada sujeito existe uma musicalidade interna que se manifesta de formas diferentes (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003). A preferência distinta de sentir a música expressada pelos participantes, é mais que normal, haja vista que estes são indivíduos diferentes, que pensam diferente e agem de diferentes formas uns dos outros.

Esse preferir está na vida de cada pessoa, os ouvintes têm suas preferências musicais, estilos, ritmos, volume que prefere escutar um som, uns preferem ouvir músicas mais agitadas, outros mais suaves, são as escolhas pessoais de cada sujeito, independente de qual seja a escolha, todas serão músicas e sons e todos curtem a música de sua maneira.

É sabido que alguns Surdos podem não se simpatizar com a música, fato é que o participante Miguel relatou em sua resposta, em que o mesmo atestou que ele gosta, porém, nem todos tinham o mesmo gosto, que para ele, 50% dos Surdos gostam e outros 50% não gostam. Esse número foi uma conjectura baseado em vivências musicais de Miguel, que devemos considerar como muito importante, sendo que essa experiência é a narrativa de vida e sentida de um sujeito Surdo em sua comunidade Surda.

Se formos olhar para os sujeitos ouvintes, visto como “normais”, não são todos que gostam de músicas. Como mencionado antes, os indivíduos são diferentes e tem gostos distintos. Isso não significa que os ouvintes não gostam de música, na verdade, mostra-se que nem todos curtem músicas. Esses sujeitos que não curtem a música em si, mas percebemos que a música existe dentro de cada sujeito, podendo ser sentida de várias maneiras, entre estas estão as batidas do coração, o respirar, no pulsar entre outros sons que o corpo possa proporcionar fazendo sentir emoção. (PARREIRA, 2014).

Na nossa décima segunda pergunta, visamos saber dos participantes o que eles entendiam por artefatos culturais dos Surdos, e nesse sentido temos o seguinte quadro:

Tabela 4 – O que os participantes entendem por artefatos culturais Surdos

Participantes	O que você entende por artefatos culturais Surdos?
Larissa	“São as percepções visuais”
Marisa	“São as percepções visuais, as cores”
Matheus	“Às vezes eu vejo que alguns DA conseguem fazer a leitura labial da música. O Surdo profundo é possível também que faça essa leitura, porém, se tem uma maior dificuldade. São as coisas visuais, mas não é só visual, tem também as vibrações. Os DAs que escuta um pouco, estando ele frente a frente com uma outra pessoa, é possível que se tenha uma melhor compreensão da leitura labial. Se colocar um fone de ouvido é possível que se sinta algum ruído, é igualmente um implante cloquear. Sim, sim, tem os visuais como as músicas eletrônicas, o funk, que tem uma batida muito forte. Eu me lembro que no ano de 2014, em um desfile de 7 de setembro, um ex aluno de letras Libras por nome de Marcelo (ele fez o sinal do aluno), ele nos ensinava as batidas ligando a contagem, tipo 1...batida,2...batida,3...batida, assim nós acompanhávamos o desfile igual aos demais sempre ligando a contagem ao ritmo da batida sonora dos tambores. Os Surdos ficavam sempre atentos aos comandos dele e a batida dos tambores”
Miguel	“O meu entendimento dos artefatos culturais são todas as artes, como poesias, criações, teatros entre outras artes que estão incluídas”
Benício	“Meu entendimento dos artefatos cultural Surdo é que nós Surdos temos nossa cultura própria, um jeito diferente de expor nossos sentimentos, poesias, usamos as mãos para nos comunicar, diferente da comunidade ouvinte que são oralizados e tem suas maneiras de expor seus pensamentos diferente de nós Surdos”
Paloma	“São toda e qualquer arte visual que possamos compreender, principalmente as que tenha um auxílio de interpretes”

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

As respostas dos participantes à questão empreendida nos mostram que eles têm discernimento sobre o que seja artefatos. Para Larissa e Marisa associam às percepções visuais, para Matheus ele faz referência à várias experiências que ele vivenciou e presencia como nos relata sobre leitura labial, ruído sonoro, batida sonora forte, que podemos aludir a vibração muito forte. O participante Miguel entende que são as artes, e cita entre estas a poesia, teatros e a criação.

Benício nos responde que os Surdos têm sua cultura própria e expõe os seus sentimentos de maneira diferente da comunidade ouvinte, que ao invés de oralizada, usam as mãos para se comunicar. Paloma liga artefatos a todas as artes que possam ser compreendidas. Podemos perceber que mesmo em respostas distintas, porém, apresentam significados bem similares, uma

das explicações para essa equivalência pode ser o fato de estes sujeitos fazerem parte do mesmo convívio social e compartilhar das mesmas experiências.

Após essa primeira seção do questionário, foi dado prosseguimento para a segunda parte que trataremos da observação de uma música interpretada em Libras e como os mesmos a viram em si.

4.2 Análise da percepção musical pelos Surdos: entre o som, a vibração e o sinal

Nesta segunda seção do questionário nos debruçaremos sobre a análise da percepção musical pelos participantes Surdos da nossa pesquisa, em que realizamos a apresentação de uma música interpretada em Libras, que foi escolhida com base: 1 – Maior número de visualizações; 2 – Maior número de “gostei”; e pelo 3 – indexador “música em Libras” dentro da rede social Youtube, chegando assim ao vídeo:



Figura 4 - Música em Libras escolhida para a pesquisa
Fonte: Elaboração própria.

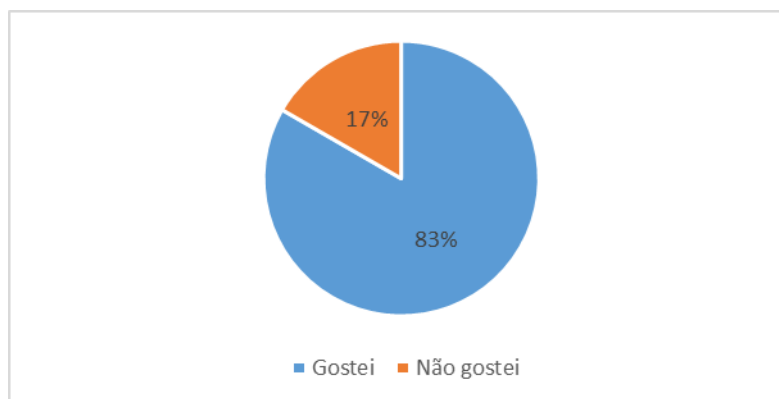
Dessa forma, a música escolhida depois desses critérios estabelecidos foi “Meu abrigo - Melim - Tradução em LIBRAS (Música em LIBRAS)”, que foi disponibilizada na plataforma Youtube no dia 29 de novembro de 2018, tem atualmente 123.362 visualizações e com mais de 3,9mil “gostei” e 39 “não gostei”, sendo bastante comentado positivamente esta tradução.

Após a apresentação da música, também por vídeo conferência na plataforma *google meet*, apresentamos a música e em seguida realizamos seis perguntas, sendo a primeira: se eles tinham gostado da música; a segunda: se tinham entendido o sentido dela, a terceira: se sentiram emoção; a quarta: quais elementos usados na interpretação eles mais gostaram; a quinta: se já tinham visto essa música antes e se sim, se a música junto a interpretação em Libras provocava

uma maior emoção e por fim, a sexta: Na música em geral, a vibração é mais atrativa / emocionante do que a sinalização.

A primeira pergunta após a apresentação da música foi bem genérica, para sabermos as primeiras impressões dos participantes, se tinham gostado ou não da música, em que temos o seguinte quadro:

Gráfico 7 - Gostar ou não da música apresentada



Fonte: Elaboração própria.

Percebemos que a música apresentada teve um índice de satisfação significativa entre os participantes, demonstrando assim que a música traz satisfação para o sujeito Surdo, sendo esse gênero exposto à comunidade surda de maneira que a interpretação respeite as particularidades culturais desses sujeitos, dando novas formas ao gênero para transmitir para o sujeito Surdo o sentido da música, despertando a musicalidade e trazendo sensações de prazer da pessoa surda.

Tabela 5 – Saber se os participantes gostaram da música?

Participantes	Você gostou da música?
Larissa	“Gostei bastante”
Marisa	“Gostei, muito legal”
Matheus	“Mais ou menos, senti a sinalização um pouco difícil”
Miguel	“Sim, gostei. Assisti e gostei”
Benício	“Gostei um pouco”
Paloma	“Sim, gostei”

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Para quatro dos participantes a resposta foi que gostaram da música apresentada, para dois deles, gostaram mais ou menos, ou seja, em partes. Um dos motivos que pode ter causado o “gostar mais ou menos” dos dois participantes, possa ter sido a maneira de como a música foi apresentada, haja vista que não se tinha uma estrutura de som que pudesse causar uma vibração sonora tão forte, contudo, a música teve uma grande aceitação entre os participantes.

Na segunda pergunta sobre o que entenderam da música que trata sobre uma história de amor, vemos que os participantes da pesquisa relatam:

Tabela 6 – Saber se os participantes entenderam o sentido da música?

Participantes	Você entendeu o sentido da música?
Larissa	“Romance, paz, carinho”
Marisa	“Relata encontro, romance, paz, bem legal”
Matheus	“Fala de sentimentos, de uma pessoa que não quer se distanciar uma da outra. Um casal romântico que querem está sempre junto”
Miguel	“Mais ou menos. A música se trata de um casal que se encontram, paz e que não tem discórdias e que sempre querem estar juntos em paz um com o outro. Paz e união”
Benício	“Fala de sentimento. Faltou um pouco de organizar melhor a sinalização por parte do interprete, usar mais classificadores”
Paloma	“A música trata de carinho, romantismo. Percebi bem pelas expressões faciais, os classificadores, foi perfeito, adorei”

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Nesse sentido, podemos analisar que os participantes entenderam o sentido da música, mostrando assim que o intérprete conseguiu fazer uma boa interpretação no tocante a letra da música que se refere a uma história de amor. Miguel apesar de dizer que tinha entendido mais ou menos, contudo expõe partes da música, atestando ter entendido bem do que se referia a canção.

O participante Benício entendeu a música, mas alegou falta de organização, onde para ele, o intérprete precisaria usar mais classificadores. Ao contrário de Benicio, Paloma adorou a apresentação, inclusive os classificadores que são apresentados. É possível que o ritmo musical tenha influenciado nas repostas dos participantes uma vez que os sujeitos têm suas preferências musicais, assim como as pessoas ouvintes.

A terceira pergunta feita aos participantes foi para saber se eles sentiram emoção com a música, vejamos o que o que eles relatam:

Tabela 7 – Saber se os participantes sentiram emoção?

Participantes	Sentiu emoção?
Larissa	“Gostei bastante, muito emocionante”
Marisa	“Senti muita emoção, adorei”
Matheus	“A música interpretada sem o som eu não sinto tanta emoção, mas se a música tem o som, se sente a vibração causando uma emoção”
Miguel	“Mais ou menos”
Benício	“Eu observando a música, me senti emocionado quando ele sinalizou uma parte na música que falava que os dois se perdiam e se reencontrava, essa parte me causou emoção. Na música em sim foi o que me causou mais emoção”
Paloma	“Sim, senti emoção. Muito linda a música. Se a música for de rock eu não sinto muita emoção, porém essa música é muito prazerosa de se ver, sente-me até emocionada”

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Percebemos que as participantes Larissa, Marisa e Paloma sentiram muita emoção ao observar a música interpretada em Libras. Paloma ainda externa que se fosse uma música de rock ela não sentiria emoção, atestando assim a sua preferência musical e conhecimento dos ritmos.

Matheus relata que para ele a música sem o som não causa tanta emoção. O participante no momento que foi exposta a música ele, nos perguntou se teria som ou era apenas interpretada em Libras, quando respondemos que tinha som, porém, em um nível baixo, ele colocou o fone de ouvido para poder sentir um mínimo de vibração.

Benicio sentiu emoção em uma única parte da música, quando relata de um encontro do casal, supomos que nessa parte o intérprete tenha usado um classificador que tenha despertado em Benício a sua musicalidade pela experiência visual, haja vista que no restante da música, nada lhe causou emoção dessa forma. O nível sonoro baixo não faz com que se tenha uma forte vibração, motivo que possa ter influenciado no tocante a causar ou não emoção nos participantes, tendo em vista inclusive a nossa aplicação de forma virtual, mediante a pandemia da covid-19 atual.

A quarta pergunta feita para os participantes foi com objetivo de sabermos quais os elementos usados na interpretação eles mais tinha gostado, atentamos as respostas dos mesmos:

Tabela 8 – Saber quais os elementos usados na interpretação eles mais gostaram?

Participantes	Quais elementos usados na interpretação você mais gostou?
Larissa	“Sinalização bem clara, achei muito bonito”
Marisa	“Fiquei muito feliz com a interpretação da música, gostei bastante”
Matheus	“A interpretação é muito boa, porém, eu não contextualizei bem a música. Acredito que para um ouvinte a música possa fazer sentir mais emoção”
Miguel	“Eu gostei da leveza da sinalização, não era tão rápido. Precisa ser a sinalização suave ligado a movimentação corporal se não for, não dá para compreender. Ele fez o sinal de lua de uma forma bem suave ligando sempre a movimentação do corpo, isso fez com que eu gostasse, encantador”
Benício	“Faltou alguns elementos na interpretação. Ficou meio vazio, eu não gostei”
Paloma	“Eu gostei de tudo. Expressões faciais, corporal, os classificadores, os movimentos espaciais, tudo muito perfeito”

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Nos deparamos com uma variedade de respostas de como os participantes avaliaram a interpretação da música. Larissa e Marisa foram sucintas na resposta, porém, bem objetivas, como mostra na tabela acima, elas gostaram muito da sinalização, que para elas foi bem clara. Paloma falou de alguns pontos específicos da Língua de sinais que ela pode notar na tradução da música como as expressões faciais, corporal os classificadores e os movimentos espaciais.

Salientamos aos leitores que Paloma, Larissa e Marisa tem surdez moderada podendo assim ouvir/sentir vestígios sonoros da música fazendo assim com elas possam ter uma percepção mais física da música, sendo possível assim fazer uma ligação da sinalização do intérprete à música apresentada.

O participante Miguel gostou da leveza em que a música foi sinalizada, para ele, a música precisa ser interpretada fazendo ligações da sinalização com o movimento corporal, transmitindo assim o sentido da música. Miguel também falou sobre o sinal da “lua” usado no ato tradutório da música, na ocasião o intérprete usa do classificador desenhando o sinal da lua no espaço o que chama bastante a atenção para os sujeitos Surdo que tem sua língua visual espacial.

Matheus gostou da interpretação, mas não entendeu o sentido da música, falou também que para o ouvinte a música poderá fazer sentir uma maior emoção. Ponderamos que Matheus no momento da exposição da música pediu para esperar ele colocar o fone de ouvido, o mesmo tem surdez profunda, o fato de ele ter dividido a sua atenção entre a sinalização e buscar os ruídos

sonoros/sentir a vibração, possa ter influenciado a ele ser menos vigilante na sinalização provocando assim a não contextualização da música.

Para Benicio a interpretação foi um pouco vazia, fazendo com que ele não gostasse da interpretação, o mesmo frisou que faltaram alguns elementos na tradução da música. Interessante que quando foi perguntado sobre se ele tinha entendido o sentido da música, o mesmo respondeu que a música fala de sentimento, demonstrando que ele entendeu a música, porém, ele não gostou da escolha tradutórias feita pelo intérprete, mostrando assim que Benicio tem um conhecimento mais aprofundada de interpretação de músicas, visto que entendeu do que se trata a letra da música, contudo, não gostou da interpretação musical.

A quinta pergunta feita aos participantes foi para saber se eles já tinham visto a música apresentada para os mesmos antes em algum outro momento a resposta deles fosse sim, a música apresentada junto a vibração som, causava uma maior emoção, do que apenas a sinalização. Vejamos o que nos foi respondido:

Tabela 9 – Saber dos participantes se já tiveram contato com a música apresenta, e se sim, a música junto a interpretação lhes causa uma maior emoção

Participantes	Você já viu ou sentiu a vibração dessa música antes? Se sim, a música junto a interpretação em libras provoca uma maior emoção?
Larissa	“Primeira vez que vejo a música”
Marisa	“Estou vendo hoje pela primeira vez. A sinalização estimula uma maior emoção”
Matheus	“Já tive contato com a música antes mais não entendi muito”
Miguel	“Minha experiência até o momento é; se eu fico longe do palco por exemplo, eu não sinto emoção com a música, porém, se eu me aproximo do som, aí sim, eu sinto bastante a vibração da música. Si estiver próximo do som e estiver uma pessoa sinalizando a música é possível que sentimos emoção. Percebo sempre que onde tem grupo de Surdos eles vão estar sempre próximos do som, porque essa aproximação faz com que eles sintam a emoção da música”
Benício	“Primeira vez que eu vejo essa música”
Paloma	“Se a música não estiver vibração, tem menos emoção, principalmente as mais românticas. Tem diferentes tipos de músicas e vibrações”

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Como a escolha da música foi por números de visualizações, onde está que lhes foi apresentada estava no topo, queríamos saber se os participantes já tinham tido contato com a mesma, antes para saber se os sujeitos participantes já teriam uma afinidade com a música. Para a nossa surpresa, apenas Matheus já tinha visto a música anterior e o mesmo nos relatou que não entendeu muito.

O nosso porquê de saber se eles já tivessem tido contato antes com a música e sobre a vibração sonora causar mais emoção do que a sinalização, foi pelo fato de no momento da exposição da música feita por nós que estava colhendo os dados da pesquisa, o nível sonoro era um pouco baixo, que poderia causar uma diferença de percepção nos sujeitos que antes tivessem tido contato com a música de forma que tivesse uma maior vibração sonora.

A sexta e última questão feita para os sujeitos Surdos participantes da pesquisa foi para sabermos se a música no geral a vibração é mais atrativa/emocionante do que a sinalização. Vejamos o que nos foi relatado:

Tabela 10 – Saber se a música no geral, se a vibração é mais atrativa/emocionante do que a sinalização?

Participantes	Na música em geral, a vibração é mais atrativa/emocionante do que a sinalização?
Larissa	“A sinalização da mais emoção do que a vibração da música”
Marisa	“A interpretação da mais emoção do que a vibração sonora”
Matheus	“A vibração me causa mais emoção do que a sinalização”
Miguel	“A vibração junta a sinalização. Se estiver um interprete sinalizando e não estiver o som da música não se tem emoção, precisa sim, dos dois recursos, a sinalização junto a vibração para se ter uma emoção na música. Si for só o som, irei sentir sim a vibração da música com certeza, porém, não vou saber o significado da música. Para uma melhor compreensão da música, não se pode tirar uma ou outra, precisa ser os dois juntos, som mais sinalização”
Benício	“Tem momentos que a música causa emoção. Nos eventos por exemplo, em festa de forró, nas live que estão tendo agora por conta da pandemia. Eu prefiro os dois, se a vibração for ligada a sinalização, causa uma emoção diferente”
Paloma	“A interpretação é mais importante do que a vibração”

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Existe uma dubiedade sobre o que seja mais atrativo em uma música para o sujeito Surdo, o som/vibração ou a sinalização. Quando questionado para os sujeitos Surdos participantes da nossa pesquisa, percebemos que não é por acaso essa dubiedade. Paloma, Larissa e Marisa responderam que a música sinalizada lhes causa mais emoção do que o som/vibração, para Matheus a som/vibração causa mais emoção do que a sinalização, para Miguel e Benicio o ideal é a sinalização e o som/vibração, assim ele pode entender o significado da música e sentir a vibração sonora dando assim uma melhor compreensão da música causando assim uma maior emoção.

Compreendemos assim que cada sujeito tem sua particularidade sobre como eles compreendem e sente sua musicalidade, suas percepções, seus gostos, e seu entendimento. Benício nos diz que:

Eu observando a música, me senti emocionado quando ele sinalizou uma parte na música que falava que os dois se perdiam e se reencontrava, essa parte me causou emoção. Na música em si, foi o que me causou mais emoção – Benício

Nessa parte o interprete usa um classificador com a configuração de mãos em D que na sinalização feita pelo interprete, demonstra um casal se afastando e logo em seguida se reencontra. A forma visual demonstrada na sinalização em uma pequena frase da música apresentada, trouxe a emoção pelos movimentos suaves do tradutor, por mais que Benício não tenha gostado dos elementos, desse em si, ele sentiu emoção.

A percepção musical e a forma de se sentir a música da pessoa surda é diferente a pessoa ouvinte, porém, isso não quer dizer que todos os Surdos tenham a mesma percepção musical de uma única maneira. Levando consideração que pessoas são diferentes, não tem como todos pensarem e ter o mesmo gosto.

Alguns Surdos têm preferência por sinalização da música, gostam de saber o significado da letra da música, entender do que se trata, enquanto outros Surdos gostam é de sentir a sensação sonora, a vibração. São maneira diferente que os Surdos absorvam a música e de expressar a forma de gostar e de sentir a sua musicalidade.

Na quarta pergunta após a música, questionamos “Quais elementos usados na interpretação você mais gostou?”. Para Benicio, Surdo profundo, ao ser questionado após apresentar a música sinalizada em Libras, quais os elementos da interpretação ele mais gostou, ele respondeu o seguinte: *Faltou alguns elementos na interpretação. Ficou meio vazio, eu não gostei – Benício*. Esse “meio vazio” que fez Benicio não gostar, dos elementos causou uma experiência desagradável para ele como Surdo usuário da língua de sinais, para ele o intérprete precisaria ter uma organização melhor dos elementos tradutórios, em que podemos questionar a falta de conhecimento prévio tanto do Surdo participante quanto do intérprete e outros.

A quinta pergunta, indagamos: “Você já viu ou sentiu a vibração dessa música antes? Se sim, a música junto a interpretação em libras provoca uma maior emoção?”. Para Miguel, que é Surdo profundo, respondeu o seguinte:

Minha experiência até o momento é; se eu fico longe do palco por exemplo, eu não sinto emoção com a música, porém, se eu me aproximo do som, aí sim, eu sinto bastante a vibração da música. Si estiver próximo do som e estiver uma pessoa sinalizando a música é possível que sentimos emoção. Percebo sempre que onde tem grupo de Surdos eles vão estar sempre próximos do som, porque essa aproximação faz com que eles sintam a emoção da música – Miguel

Ainda o participante Miguel relata que em relação ao que causava mais emoção em uma música, se era a sinalização ou a vibração sonora, ele respondeu:

A vibração junta a sinalização. Se estiver um interprete sinalizando e não estiver o som da música não se tem emoção, precisa sim, dos dois recursos, a sinalização junto a vibração para se ter uma emoção na música. Si for só o som, irei sentir sim a vibração da música com certeza, porém, não vou saber o significado da música. Para uma melhor compreensão da música, não se pode tirar uma ou outra, precisa ser os dois juntos, som mais sinalização – Miguel

O participante deixa bem claro que para ele a melhor forma de compreender a música é fazendo uma ligação entre a interpretação da letra da música, para que ele venha a entender o significado da música, porém só isso não é o bastante, precisa que junto a sinalização, se tenha a vibração sonora.

A prática de se ter um intérprete em eventos fazendo traduções de músicas é muito comum, é uma forma de incluir o Surdo no evento. Mas quando vamos fazer uma pequena comparação entre o Surdo e o ouvinte nestes espaços, percebemos que os ouvintes gostam de músicas, dança, demonstram sentimentos com a música, os Surdos também são capazes de fazer tudo isso, a única diferença é a forma com que o Surdo percebe a música.

Muitos ouvintes gostam de cantar músicas, mas sabemos que a técnica de cantar nem todos tem o domínio, porém, se a pessoa estudar a música que deseja cantar, encontrar um ritmo e praticar bastante, é possível que a pessoa possa cantar uma bela melodia harmoniosa e prazerosa de se ouvir. Em resumo, muitos podem cantar, mais poucos sabem realmente cantar uma música.

Para fazer a interpretação de uma música não é diferente, é precisa que o intérprete estude a música com antecedência para que ele possa fazer uma boa interpretação, ter o conhecimento da letra da música para ter uma escolha tradutória de acordo com a cultura surda, fazendo com que a música interpretada traga prazer visual a pessoa surda. As escolhas tradutórias e a maneira como a interpretação da música é feita, é fundamental para despertar a musicalidade e a compreensão para a pessoa surda.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada buscou compreender o ponto de vista do sujeito Surdo sobre a música dentro de uma comunidade surda que teve como objetivo geral analisar a perspectiva dos Surdos da cidade Caraúbas-RN sobre a música, percebendo se ela é considerada um artefato cultural e como eles a compreendem.

Este trabalho contou com a participação de seis sujeitos Surdos integrantes da ASCAR, Associação de Surdos de Caraúbas, esses participantes fazem parte de um grupo de rede social WhatsApp da associação na qual participamos junto a eles. O processo de escolha foi feito através de contato direto com os participantes, onde na ocasião fizemos um vídeo conferencia/chamada de vídeo via WhatsApp no ato do convite e apresentação da pesquisa.

Todo processo de contato e andamento da pesquisa foi de forma virtual, a coleta de dado foi através de uma sala virtual criada no *google meet*, na oportunidade, foi apresentado primeiro aos participantes o TCLE em língua de sinais e em língua portuguesa escrita para que os mesmos tivessem melhor compreensão, após a apresentação, perguntamos se eles aceitariam ou não, todos aceitaram.

Em seguida apresentamos um questionário bilíngue, em Libras e língua portuguesa escrita. Neste, tinha vários questionamentos que variavam de nível de surdez, suas vivências musicais e o que entendiam sobre a música de uma forma geral. Na segunda parte, apresentamos uma música interpretada em língua brasileira de sinais para os colaboradores Surdos da pesquisa, depois de eles observarem, fizemos questionamentos em forma de entrevista para sabermos a percepção deles sobre a música.

Acreditamos que possamos ter tido um prejuízo quanto a coleta de dados, sendo que tínhamos projetado ao apresentar a música interpretada em Libras, junto a sinalização, usar uma amostra sonora com um nível de som mais elevado, fazendo o uso de uma caixa de som de maior aporte sonoro e assim percebermos a reação do Surdo ao sentir a percepção física da música através da vibração sonora.

No entanto, não foi possível diante do quadro de pandemia que assola todo território mundial, com isso, medidas de distanciamentos social foram adotadas possibilitando assim que todo o processo de apresentação da música fosse via *google meet*, com um nível sonoro muito baixo coibindo a sensação física que a música poderia proporcionar.

Contudo, as respostas dos participantes deixam bem claro que eles têm um contato frequente com a música no seu convívio diário, participam de eventos que tem música, curtem

a música através da vibração sonora, em poucas ocasiões curtem também através da língua de sinais junto a sensação física causada pelo som.

A musicalidade que existe dentro de cada pessoa é despertada de formas diferenciadas entre os sujeitos Surdos, fica claro quando entre os participantes, a forma com que eles sente mais a música é variável, para uns, a sinalização da música causa mais emoção, para outros a vibração física causada pela sonorização é mais atrativa, para outros grupos é preciso ser de uma maneira conjunta, entre a interpretação da letra da música em Língua de sinais junto ao som, para causar uma sensações física, provocando assim uma maior emoção.

As respostas dadas em cada questionamento que era mencionado sobre o tema música do tipo; se gostavam, se sentia emoção, se deveria estar entre os artefatos cultural Surdo, entre outras, em todas os participantes responderam positivamente, do tipo; que gostava muito de música, que amava música, que sentia emoção, deveria sim está entre os artefatos culturais Surdos.

Entendemos que por mais que nos estudos de Strobel (2015) a música não esteja entre os artefatos culturais da comunidade surda, não quer dizer que ela não seja usada como um dos artefatos, a leitura das respostas dadas por Surdos mostra claramente o quanto a música se faz presente em sua vida e o quão prazer ela desperta quando a este sujeito é dada a oportunidade de ter contado com a música.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Decreto n. 5.626**. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, e artigo 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: SEESP/MEC, 2005.
- BRASIL. **Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial**. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOMES-SOUSA, F. E. **As tecnologias digitais como instrumentos potencializadores no ensino de língua portuguesa para surdos**. Posensino, 2018.
- HAGUIARA-CERVELLINI, N. **A musicalidade do surdo: representação e estigma**. 2 edições- são Paulo: Plexus editora, 2003.
- KUNTZE, V. L.; SCHAMBECK, R. F.; LEICHSENRING, V. K. S. **Ensino de Música: Perspectivas de uma Professora Surda**. Revista Educação, Artes e Inclusão, v. 1, p. 75-94, 2014.
- LOPES, M. **Surdez e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MED, B. **Teoria da música**. 4. ed. revista e ampliada, 1996.
- PEREIRA, R. C. **Surdez: aquisição de linguagem e inclusão social**. 2.ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2015.

PEREIRA, S. A. **Ensino Musical para surdos**: um estudo de caso com utilização de tecnologia, Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em música, anais do III simpom, 2014.

PEREIRA, S. A. **Ensino Musical para surdos**: um estudo de caso com utilização de tecnologia, Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em música, anais do III simpom, 2014.

QUADROS, R. M. **A Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

ROSA, D. G. **Educação e Surdez**: em defesa da língua de Sinais para a Inclusão Social dos Surdos, Unirio, Rio de Janeiro, agosto, 2013.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: editora brasiliense, 1987.

SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre, Mediação, 2000.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3 eds. rev. Florianópolis: UFSC, 2015.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: USFC, 2008.

_____. **História da educação de Surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL
UFERSA
S U R A L D O S E M I - A R I D O

QUESTIONÁRIO

**PERSPECTIVAS SURDAS SOBRE A MÚSICA:
UMA ANÁLISE CULTURAL DOS ARTEFATOS
SURDOS**

Sebastião Genilson Viana de Oliveira
Francisco Ebson Gomes-Sousa

TERMO DE COMPROMISSO
LIVRE E ESCLARECIDO

Questionário - TCC - Sebastião Gemilson

PERGUNTA 01

QUAL SEU GRAU DE SURDEZ?

- A (☐) leve
- B (☐) moderada
- C (☐) profunda
- D (☐) severa

Questionário - TCC - Genilson



PERGUNTA 02

**COMO VOCÊ SE
DESCOBRIU UM SER
SURDO?**

Questionário - TCC - Genilson



PERGUNTA 03

VOCÊ TEM CONTATO COM OUTROS SURDOS?

- A () nunca
- B () raramente
- C () as vezes
- D () bastante
- E () sempre

Questionário - TCC - Genilson



PERGUNTA 04

NO CONVÍVIO COM A CULTURA OUVINTE VOCÊ PARTICIPA DE EVENTOS QUE TENHA MÚSICA?

- A () nunca
- B () raramente
- C () as vezes
- D () bastante
- E () sempre

Questionário - TCC - Genilson



PERGUNTA 05

O QUE VOCÊ ENTENDE POR MÚSICA?



Questionário - TCC - Genilson

PERGUNTA 06

VOCÊ GOSTA DE MÚSICA?



() () () () ()

1

2

3

4

5



Questionário - TCC - Genilson

PERGUNTA 07

QUAIS ESTILOS DE MÚSICAS
VOCÊ TEM MAIS CONTATO?



() Nenhum



() Funk



() Sertanejo



() Gospel



() Forró



() Pagode



() Rock

() outros



PERGUNTA 08

QUAIS ESTILOS DE MÚSICAS
VOCÊ TEM MAIS GOSTA?



() Nenhum



() Funk



() Sertanejo



() Gospel



() Forró



() Pagode



() Rock

() outros



Questionário - TCC - Genilson

Questionário - TCC - Genilson

PERGUNTA 09

VOCÊ SENTE EMOÇÕES AO ASSISTIR MÚSICAS INTERPRETADAS EM LIBRAS?

- A () nunca
- B () raramente
- C () as vezes
- D () bastante
- E () sempre



PERGUNTA 10

MÚSICA E SURDO COMBINA? EXPLIQUE.



Questionário - TCC - Genilson

Questionário - TCC - Genilson

PERGUNTA 11

**NA SUA OPINIÃO, A MÚSICA
DEVERIA ESTAR ENTRE OS
ARTEFATOS CULTURAIS
SURDOS?**

A () Sim

B () Não



PERGUNTA 12

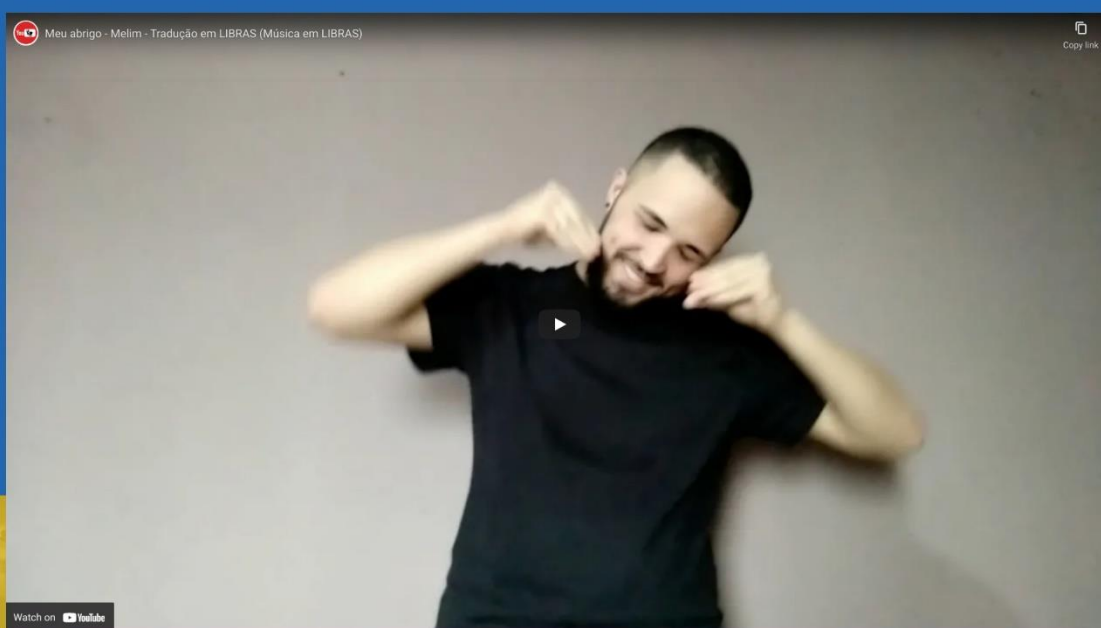
**O QUE VOCÊ ENTENDE POR
ARTEFATOS CULTURAIS
SURDOS?**



Observe a música



MEU ABRIGO - MELIM - TRADUÇÃO EM LIBRAS (MÚSICA EM LIBRAS)
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=4J4UGVHTKMA](https://www.youtube.com/watch?v=4J4UGVHTKMA)



PERGUNTA 01

**VOCÊ GOSTOU
DA MÚSICA?**



PERGUNTA 02

**VOCÊ ENTENDEU O
SENTIDO DA MÚSICA?
O QUE SE TRATA?**



PERGUNTA 03

SENTIU EMOÇÃO?



PERGUNTA 04

QUAIS ELEMENTOS
USADOS NA
INTERPRETAÇÃO
VOCÊ MAIS
GOSTOU?



Questionário - TCC - Genilson

PERGUNTA 05

VOCÊ JÁ VIU OU SENTIU A VIBRAÇÃO DESSA MÚSICA ANTES?

SE SIM, A MÚSICA JUNTO A INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS PROVOCA UMA MAIOR EMOÇÃO?



PERGUNTA 06

NA MÚSICA EM GERAL, A VIBRAÇÃO É MAIS ATRATIVA / EMOCIONANTE DO QUE A SINALIZAÇÃO?



Questionário - TCC - Genilson

Questionário - TCC - Genilson

FIM DA PESQUISA

OBRIGADO!

SEBASTIÃO GENILSON VIANA DE OLIVEIRA
FRANCISCO EBSON GOMES-SOUSA

Questionário - TCC - Genilson

